



JORNAL COOL DO MUNDO INDEPENDENTE.

A verdade? É só uma piada mal contada



Edição 11 | Desde MMXXV | Vilhena, Rondônia,

Amazônia Ocidental | 24/1/2026

Circula aos sábados | Este número contém 29 páginas

NOVO LIVRO
JÁ À VENDA



NOTÍCIA – CULTURA – OPINIÃO – HUMOR | SEM FINS LUCRATIVOS. O CRIME NÃO COMPENSA.

FACULDADES DE MEDICINA DE RONDÔNIA SÃO REPROVADAS

/ PÁGINA 5



**NOVA 364
PARA ECONOMIZAR,
MOTORISTAS
ARRISCAM ATÉ A VIDA**

TURISMO TAMBÉM É PREJUDICADO PELO PEDÁGIO

/ PÁGINA 4 E 5

O bandeirante Raposo Tavares ficou esquecido na historiografia regional

O “DESCOBRIDOR” DE RONDÔNIA

Neste domingo, 25, é aniversário de fundação da cidade de São Paulo. E lembramos de um personagem identificado àquela cidade – embora fosse português. Entre herói e genocida, o bandeirante que percorreu mais de 10 mil quilômetros no século XVII remapeou o Brasil e garantiu que Rondônia – então chamada de Terra Desconhecida – não ficasse sob domínio espanhol. Sua marcha épica pela Amazônia, marcada por coragem e violência, permanece como um dos episódios mais paradoxais da formação do território nacional.

/ VEJA À PÁGINA 14

>>>

HÁ 378 ANOS – O percurso de Raposo Tavares iniciou-se em São Paulo.

Ele atravessou os territórios que hoje correspondem ao Mato Grosso do Sul e à Bolívia, adentrando em Mato Grosso e Rondônia, onde navegou pelos rios

Guaporé, Mamoré e Madeira. A expedição prosseguiu em direção a Manaus, culminando na chegada a Belém.



**Editorial**

Chrisóstomo e Cristo: a mentira e a verdade

Não se trata de ideologia, mas de prudência e bom-senso. O que o deputado federal Coronel Chrisóstomo (PL-RO) tem feito no Congresso e nas redes sociais é aviltante e desprezível sob o ponto de vista da ética. Mais grave ainda: apostila na ignorância ou na boa-fé da população para que suas atitudes sejam aceitas como normais. Em nome de uma suposta "liberdade de expressão", tenta-se normalizar a mentira e confundir o eleitorado. Isso é uma distorção perigosa do conceito de liberdade, pois liberdade é poder escolher com base na verdade, não ser manipulado por terceiros. Ser induzido pela mentira é escravidão, é cegueira coletiva.

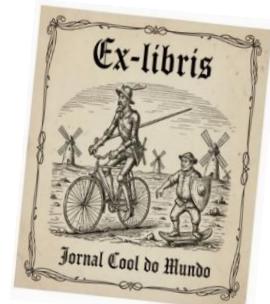
As eleições de 2026 trarão um desafio ainda maior: as fake news potencializadas pela inteligência artificial. Vozes e imagens de candidatos poderão ser recriadas quase perfeitamente por robôs, colocando em xeque a credibilidade do processo eleitoral. O exemplo deveria vir dos próprios parlamentares, responsáveis pela elaboração e cumprimento das leis que regem o país. A quem interessa a mentira?

Na seara política que orbita o Coronel-Deputado, fala-se muito em religiosidade. O conservadorismo que se apresenta como cristão deveria lembrar que Jesus, o mestre maior, falou contra a mentira: "A verdade liberta do pecado, da mentira e da escravidão espiritual" (João 8:32). E mais: "O diabo é o pai da mentira" (João 8:44). Não há como conciliar fé e fake news.

É preciso que a Justiça Eleitoral esteja atenta e que os cidadãos, independentemente de ideologia, denunciem e defendam o direito elementar de ter informações corretas para orientar sua decisão de voto. Só há escolha verdadeira quando há informação verdadeira. Este editorial não faz apologia a nenhum espectro político. Se fosse um deputado do PT a publicar inverdades que atordoassem o processo eleitoral, a crítica seria igualmente veemente. A democracia é conquista soberana, custeada a sangue, suor e dinheiro público. Não pode ser vilipendiada por leviandade.

Chrisóstomo chegou à patente de coronel do Exército. Não é um desqualificado. Isso torna sua situação ainda mais grave: não pode alegar ignorância. Age de forma calculada, "jogando para a galera" na certeza de obter likes e confundir a opinião pública. Mente de forma orquestrada e sistemática. Desperdiça, assim, o potencial de elaborar projetos à altura de sua patente e de firmar seu nome como digno representante verde-oliva no Congresso.

A democracia não pode tolerar a normalização da mentira. Fake news não são opinião: são fraude. E fraude tem preço – cadeia e apagamento da história.



MONTEZUMA CRUZ

@montezuma.cruz.1



UM PACTO DESCONHECIDO NA CONCEPÇÃO DE RONDÔNIA

Saudoso geógrafo Milton Santos, da Universidade de São Paulo (USP) é um personagem pouco conhecido na história de Rondônia. Pudera, ele trabalhava em sua mesa lá na Capital Paulista, ajudando a planejar o lado urbano de cidades por aqui. Assim foi com Rolim de Moura e sua larga avenida principal que agora dá espaço à formação de quatro bosques.

Santos e o arquiteto Jaime Sawaya, também da USP, foram contatados pelo então secretário territorial de planejamento, Luiz César Auvray Guedes, filho do ex-governador Humberto da Silva Guedes.

Ao que eu saiba, nem Guedes, nem Santos, nem Sawaya deram nome a alguma rua, avenida, creche e escola. Todos passaram como águias, relâmpagos, pelos capítulos da construção do Interior de Rondônia, ainda no regime militar.

Imaginem: o coronel governador Humberto Guedes, nomeado pelo general presidente Ernesto Geisel, trazendo esquerdistas da USP para fincar raízes urbanas e enfeitar a chamada Capital da Zona da Mata.

O economista Sílvio Persivo e seu colega administrador Jorge Elage coordenaram o Desenvolvimento e Articulação dos Municípios (Codram), divisão da antiga Seplan responsável pela organização dos novos municípios e seus planos urbanos. Ambos testemunham o bom trabalho feito à época pela equipe da USP.

Pena que grande parte da população rondoniense segue arrotando fakes, desinformações nocivas, desconhecendo benfeiteiros que merecem ser lembrados pela história oficial.

Esses sabujos propagadores de lorotas e mentiras, nem dão conta de estudar um século atrás de nossa história, não têm ideia de quem foram: Santos, Sawaya, Persivo, Elage, Claude-Levy Strauss, e quando muito, conseguem pronunciar o nome do marechal Cândido Rondon.

Guedes, homem inteligente, alinhado à direita, soube equilibrar discussões e convidar a USP para tornar Rondônia bonita. Para tal, uniu pensadores de diferentes tendências.

Persivo lembrou-me do trabalho dos grupos de discussões em torno de uma diretriz de pensamento sobre o planejamento que se apoiava de certa forma nas ações do INCRA.

Segundo ele, Elage entendia "de tudo um pouco", e o geógrafo Milton Santos foi o pensador do estado."

Mas daí para dizer aos empedernidos desinformados que existiu um pacto célebre de pensamentos para a concepção de Rondônia, a distância é oceânica. Eles teimam não aceitar e rejeitam estudar o assunto com profundidade.

Então, engulam e aprendam de vez, ouvindo quietinhos as palavras do próprio economista Sílvio Persivo: "Buscava-se fazer um estado onde houvesse uma hierarquia urbana e uma localização espacial que aproveitasse os projetos de colonização para criar uma riqueza mais bem distribuída, e nesse contexto os Núcleos Urbanos de Apoio Rural (NUARs) foram o grande laboratório das cidades.

Estava, pois, consolidando o trabalho do geógrafo Milton Santos.

Ariquemes, Ji Paraná, Cacoal, Pimenta Bueno e Vilhena tiveram digitais do governador Humberto Guedes.

A floresta uniu-se à cidade.

Direita e esquerda inteligentes souberam dar passos seguros para que tudo acontecesse. E aí está o estado mais pujante da Amazônia Ocidental Brasileira.

O geógrafo Milton Santos





COLUNA DOPANDOLPHO

Newton Pandolfo do Conselho Editorial
@newtonpandolpho

MEDICINA EM XEQUE

O FIM DA “ERA DE OURO”, A SATURAÇÃO DO MERCADO E OS RISCOS DA FORMAÇÃO PRECÁRIA

Durante décadas, o diploma de medicina no Brasil foi sinônimo de um “cheque em branco”: garantia de emprego imediato, prestígio social e altos salários. No entanto, ao iniciarmos 2026, a realidade para os quase 40 mil novos médicos que chegam ao mercado anualmente é drasticamente diferente. O país vive o ápice de um processo de expansão educacional “desenfreada” que transformou a dinâmica da profissão, pressionando salários e criando um paradoxo econômico: nunca foi tão caro se tornar médico, e nunca foi tão difícil rentabilizar o diploma recém-conquistado.

A ANATOMIA DA EXPANSÃO – O cenário atual é fruto de duas ondas distintas de crescimento. A mais impactante teve início em 2013, com a Lei do Mais Médicos, que incentivou a interiorização dos cursos. Contudo, o que deveria ser uma política de distribuição geográfica transformou-se, segundo o Conselho Federal de Medicina (CFM), em um negócio lucrativo.

Mesmo com a moratória decretada em 2018 pelo governo Temer, que tentou proibir novos cursos por cinco anos, a abertura continuou via judicialização. Grandes grupos educacionais, amparados por liminares, abriram centenas de vagas sem necessariamente seguir os critérios rigorosos de necessidade social ou estrutura hospitalar, levando o Brasil à marca de mais de 390 escolas médicas — um número absoluto superior ao dos Estados Unidos.

O FREIO DE ARRUMAÇÃO DO STF – Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) impôs um limite a essa “farra das liminares”. Ao julgar a constitucionalidade da Lei do Mais Médicos, a corte determinou que a abertura de novas vagas deve obedecer aos editais de chamamento público do governo federal, e não apenas ao desejo de livre iniciativa das empresas.

Na prática, a decisão fecha a porta para cursos em cidades sem estrutura adequada de saúde e obriga as instituições privadas a investirem no SUS local como contrapartida. Embora a decisão organize o futuro, ela não apaga o passado: o contingente de médicos formados pelas vagas abertas nos últimos anos já está nas ruas.

O PARADOXO DAS MENSALIDADES – Pela lei da oferta e da procura, o aumento no número de faculdades deveria baratear o ensino. Não foi o que aconteceu. Em 2026, a mensalidade média no Brasil oscila entre R\$ 8.000 e R\$ 12.000.

Três fatores sustentam esses preços:

- * Demanda Infinita: A medicina ainda é vista como o principal elevador social do país, gerando filas de espera mesmo com preços altos.
- * Custos Operacionais: Manter um corpo docente médico e pagar pelo uso da rede pública (o “aluguel” dos hospitais-escola) encarece a operação.
- * Concentração de Mercado: O setor foi dominado por grandes holdings de capital aberto, que preferem manter margens de lucro elevadas a competir por preço.

O CHOQUE DE REALIDADE NO PLANTÃO – A conta do alto investimento estudantil não fecha tão rápido quanto antes. Nas capitais e grandes centros do Sul e Sudeste, o médico generalista enfrenta o que a categoria chama de “leilão reverso”. Empresas terceirizadas que gerenciam escalas de UPAs e prontos-socorros oferecem valores estagnados — muitas vezes os mesmos R\$ 1.000 por 12 horas praticados há uma década.

Devido à saturação, as vagas são preenchidas instantaneamente, muitas vezes exigindo indicações pessoais (“QI”) para furar a bolha dos grupos de escala. O recém-formado se vê diante de um dilema: aceitar a desvalorização nos grandes centros ou arriscar-se no interior remoto, onde os valores são maiores (chegando a R\$ 2.000 por plantão), mas o risco de inadimplência das prefeituras é uma constante.

O CUSTO INVISÍVEL: QUANDO A FALHA DE FORMAÇÃO VIRA RISCO DE VIDA

Enquanto a discussão de mercado gira em torno de honorários, nas emergências o debate é sobre segurança. O efeito colateral mais grave da proliferação de escolas sem estrutura adequada — aquelas apelidadas pejorativamente de “faculdades de papel” — é o risco imediato à vida do paciente.

A ausência de hospitais-escola próprios obriga estudantes a realizarem a parte prática do curso (o internato) em cenários precários, muitas vezes apenas observando, sem colocar a “mão na massa”, ou treinando excessivamente em bonecos de simulação que não replicam a complexidade humana. O resultado é a formação de profissionais que chegam ao primeiro plantão dominando a teoria dos livros, mas inseguros diante de um caso real de infarto ou politraumatismo.

Para a população, isso se traduz em um aumento silencioso dos casos de iatrogenia — danos causados pelo próprio tratamento médico. Diagnósticos tardios, prescrições equivocadas e a incapacidade de gerir complicações básicas tornam o paciente da UPA, involuntariamente, uma “cobaia” para um profissional que ainda está terminando de aprender o que a faculdade não ensinou. Como alertam as entidades médicas: o diploma confere a legalidade para atuar, mas não garante a competência técnica para salvar vidas.

O Futuro é Especializado

Diante da desvalorização do generalista, a residência médica deixou de ser um diferencial para se tornar uma obrigação de sobrevivência profissional. O mercado caminha para um funil estreito: sobram médicos recém-formados, mas faltam vagas de residência de qualidade para especializá-los.

Em 2026, a medicina brasileira não entrou em colapso, mas perdeu sua aura de intocável. Tornou-se uma profissão sujeita às mesmas pressões de mercado que a engenharia ou o direito, onde o sucesso não é mais garantido pelo diploma, mas pela capacidade de especialização e networking em um cenário de concorrência feroz.





O PERIGO DE FICAR DOENTE EM RONDÔNIA FACULDADES DE MEDICINA SÃO REPROVADAS PELO MEC

“Paciente corre risco ao ser atendido por médico não qualificado”, alerta CFM

O presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM) em Rondônia, **Hiran Gallo (FOTO)**, fez um alerta contundente sobre os riscos que médicos malformados representam para a população. Nesta segunda-feira, 12, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), divulgou que quatro cursos de Medicina do estado foram reprovados na avaliação nacional.

As instituições que não atingiram os requisitos mínimos foram:

FIMCA (Centro Universitário Aparício Carvalho) – Porto Velho (conceito 2)

Afy Centro Universitário de Porto Velho – Porto Velho (conceito 2)

Faculdade Metropolitana (UNNESA) – Porto Velho (conceito 1)

UNINASSAU Vilhena – Vilhena (conceito 2)

“A situação é preocupante”, destacou Gallo. Para ele, médicos recém-formados deveriam ser submetidos a uma prova nacional, semelhante ao exame da OAB para advogados, como condição para exercer a profissão. O dirigente lembrou que a maioria dos cursos reprovados pertence à rede privada: “Das 24 faculdades de Medicina que obtiveram conceito 1, 17 são particulares. Entre as 83 com nota 2, 72 também são privadas”, disse, apontando o crescimento acelerado de vagas sem fiscalização adequada. Em Rondônia, apenas o curso de medicina da UNIR, em Porto Velho, foi bem avaliado.

Segundo Gallo, algumas instituições privadas tentaram impedir na Justiça a divulgação dos resultados, sem sucesso. Apesar de elogiar a transparência do MEC, o presidente do CFM responsabilizou o próprio ministério pela expansão indiscriminada de cursos e vagas: “Essa omissão vem de governo a governo”, declarou.

As faculdades reprovadas podem sofrer sanções administrativas, como restrição para abertura de novas vagas e limitações em programas federais como Fies e Prouni.

OUTRO LADO

A Afya informou, em nota, que identificou divergências entre os dados preliminares enviados em dezembro e os números divulgados nesta semana, e que aguarda esclarecimentos técnicos do MEC e do Inep antes de se posicionar.

A Uninassau declarou que ainda não foi oficialmente notificada e que terá prazo para se manifestar.

As demais instituições não se pronunciaram.

OPINIÃO DO Povo

Jane Maura Nogueira Ramos – *“Hoje percebo que muitos profissionais da saúde trabalham sem amor pela profissão e sem empatia pelas pessoas. É raro encontrar médicos e enfermeiros que ofereçam um olhar fraterno. Atendentes de hospital, muitas vezes, sequer respondem às perguntas. Estou cuidando de meu pai com câncer e é triste ver tanta frieza em momentos tão difíceis.”*

Rildete Franskowiske – *“O certo é todos os médicos passarem por uma prova de revalidação para receber o registro no CRM, não apenas os formados no exterior. Se advogados e contadores precisam, por que não os médicos? Não basta apenas a residência.”*



ASSINE O COOL DO MUNDO. Grátis.

Você pode entrar no grupo e convidar quem quiser usando o link de acesso:
<https://chat.whatsapp.com/HolaESEvn8rCbhVvpoiRQF?mode=hqrt2>

EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO NA RODOVIA

PARA DRIBLAR O PEDÁGIO, MOTORISTAS SE ARRISCAM EM DESVIO

“ROBALHEIRA DENTRO DA LEI” NA BR-364 GERA PROTESTOS



“Tá certo que houve o tal do leilão. Eles legalizaram tudo, não há o que discutir. Mas isso aqui é roubalheira dentro da lei”, dispara o sitiante Silvio Andrade Reis (IMAGEM À ESQUERDA), 58 anos, indignado com os custos da viagem entre Porto Velho e Vilhena. De carro popular, um Uno Mille 2010, ele gastou R\$ 288 em pedágios – ida e volta. “Vim com minha mulher visitar a irmã dela, que está doente. Há alguns desvios, como entre Jaru e Ouro Preto, mas são perigosos. Os quase 300 reais que gastei fizeram falta até na alimentação durante o caminho”, lamenta o agricultor, que vive com renda de dois salários mínimos. Só de pedágio, foram 10,2% de seu rendimento num mês.

A concessionária Nova 364, responsável pelo trecho de 700 km, defende que oferece serviços como socorristas, ambulâncias e guincho. Mas para Silvio, isso não justifica a cobrança: “Isso deveria ser obrigação do Estado, que já tem estrutura de saúde. A Polícia Rodoviária Federal, que passa a maior parte do tempo parada, deveria ampliar o suporte a quem trafega na rodovia”, critica.



LUCROS ASTRONÔMICOS

O contrato foi aceito pela concessionária porque a rodovia é estratégica: diariamente, caminhões e carretas transportam soja e milho de Mato Grosso e Rondônia para o porto de Porto Velho. Os valores impressionam: um caminhão de três eixos paga cerca de R\$ 1.050 ida e volta, enquanto um bitrem de nove eixos desembolsa até R\$ 3.150.

Para o comerciante Juarez da Silveira Pinto, 39, de Cacoal, o problema é a falta de debate sobre tarifas diferenciadas para moradores locais: “Esse tráfego pesado destrói o asfalto e beneficia grandes exportadores. Eles deveriam pagar mesmo. Já quem mora em Rondônia e depende da rodovia deveria ser isento ou pagar bem menos. Isso não foi discutido.”

Juarez alerta ainda para o efeito cascata: “Os custos entram na logística e chegam ao preço final. O aposentado, o trabalhador de baixa renda, até quem nunca teve carro, acaba pagando pedágio no supermercado. É justo aquele senhor ali [ele aponta para o homem], vendendo sorvete no carrinho, pagar pedágio? Pois paga, quando compra comida no supermercado.”



RISCOS NOS DESVIOS

Desde o início da cobrança, em 12 de janeiro, motoristas têm buscado atalhos para escapar do sistema free flow. Entre Jaru e Ouro Preto do Oeste, o desvio conhecido como Duas Placas virou alternativa. Mas é uma estrada de terra malconservada, cheia de pedras, erosões e sem sinal de celular.

“Você evita o pedágio, mas se expõe a um risco enorme. O carro pode quebrar e o prejuízo ser maior”, alerta a enfermeira Janice Magalhães, 38, que só se aventurou porque estava de carona.

O trajeto exige 21 km de estrada de chão – 8 km a mais que percorreria pelo asfalto e economia cerca R\$ 50,00, ida e volta –, acessando a Linha 04 e depois a Linha 81, até retornar à BR-364 já após o pedágio. Para muitos, não compensa. “Passei por lá hoje. Horrible. O risco de cortar os pneus nas pedras é grande”, relata o motorista Ivan Alves. O colega Manoel Justino reforça: “O carro fica coberto de poeira e o gasto pode ser maior que o pedágio, dependente do trecho que você vai percorrer.”

“Não vale a pena arriscar-se pelo desvio; prejuízo pode ser grande”, garante Valnei Ruis, que percorreu o trecho e fez a foto ao lado.



PEDÁGIOS SUFOCAM TURISMO E EXPULSAM CARRETEIROS DE RONDÔNIA

Os altos valores cobrados pela Nova 364, concessionária da BR-364, já começam a provocar efeitos negativos no turismo doméstico em Rondônia. Para muitos moradores, viajar dentro do próprio estado tornou-se um desafio: estradas perigosas e malconservadas, combustível caro e pedágios considerados abusivos desestimulam o deslocamento.

O professor André Justino, 52 anos, planejava visitar a Estância Turística de Ouro Preto do Oeste neste fim de semana, mas desistiu diante dos custos. "Sempre prestigiei o turismo interno, vou a Guajará-Mirim, Costa Marques, Vale das Cachoeiras... mas está ficando cada vez mais complicado", lamenta.

A comerciante Lucíola das Dores Almeida, 47, também de Porto Velho, reforça a crítica. Nas redes sociais, costuma compartilhar fotos de viagens pelo estado, mas admite que tem pensado em mudar de destino. "Hoje é mais fácil pegar um avião para outros estados do que enfrentar uma BR perigosa e, agora, ainda mais cara com os pedágios", afirma.

Até mesmo deslocamentos curtos, como de Jaru a Ji-Paraná — apenas 87 km — pesam no bolso. Para ir e voltar, o motorista desembolsa R\$ 29,60 em pedágio, o que representa um acréscimo de 21,9% no custo da viagem. O vendedor Robson Lima, 31, explica o impacto: "Ji-Paraná é uma cidade polo, vamos para lazer ou consultas médicas. Mas agora a viagem ficou cara. O pedágio mexe até na nossa qualidade de vida, faz a gente pensar duas vezes antes de sair".

O professor Orlando Souza é ainda mais contundente: "Esqueçam Rondônia para o turismo. Se for de avião, a passagem custa mais que ir para Miami; se for de carro, o pedágio é um absurdo em rodovias não duplicadas". A professora Lucileyde Feitosa resume: "Estamos isolados em Rondônia". A avaliação é de que o setor turístico, ainda incipiente, e os empregos dele derivados sofrerão forte impacto com a nova cobrança.

**Turismo em Ouro Preto
será prejudicado por pedágio**



CARRETEIROS AUTÔNOMOS TAMBÉM DESISTEM

O efeito não se limita ao turismo. Desde o início da operação dos pedágios, em 12 de janeiro, carreiros autônomos de outros estados avaliam abandonar o transporte para Rondônia. O motivo é simples: o frete encareceu e, ao repassar o custo ao cliente, muitos acabam perdendo espaço para grandes transportadoras, que conseguem absorver o valor sem repassá-lo.

Um caminhoneiro que traz confecções de São Paulo relata: "O frete ficou mais caro e estou dividindo o prejuízo com o cliente. Mas penso seriamente em parar de vir para Rondônia. A distância é grande, a rodovia é perigosa e, agora, com pedágios absurdos, não compensa mais".

Enquanto carretas carregadas de soja — principalmente de Mato Grosso — continuam cruzando a BR-364 rumo ao porto de Porto Velho, por onde os grãos são exportados, quem tem alternativa já busca outras rotas. O pedágio, caro e inevitável, ameaça não apenas o turismo, mas também a sobrevivência dos pequenos transportadores.

GOVERNO MARCOS ROCHA O INIMIGO NÚMERO UM DA MEMÓRIA

Quando assumiu o governo de Rondônia, em 1º de janeiro de 2019, Marcos Rocha herdou um estado que mantinha quatro museus de referência: o Memorial Rondon, o **Museu da Memória Rondoniense (FOTO)**, o Museu de Guajará-Mirim e o Museu Regional de Arqueologia, em Presidente Médici. Os dois primeiros eram administrados diretamente pelo Estado; os demais funcionavam em convênio com prefeituras, contando com apoio financeiro estadual.

Hoje, nenhum deles está em funcionamento. Os museus estaduais foram fechados para reformas há mais de dois anos, mas as obras não avançaram. Não houve distrato com as empreiteiras responsáveis e tampouco qualquer explicação oficial sobre prazos ou conclusão. O Memorial Rondon, inaugurado em 2015 e considerado um dos espaços culturais mais visitados de Porto Velho, tornou-se símbolo do abandono. Em governos anteriores, o local recebia embaixadores e cônsules, que ali conheciam a saga da Comissão Rondon — marco da integração nacional no coração da Amazônia. Agora, o espaço sofre com infiltrações, telhado danificado e materiais deteriorando em meio a uma reforma paralisada.

O governador jamais visitou o museu. A falta de interesse e de prioridade em relação à preservação da memória é evidente. Nenhum órgão ligado à salvaguarda cultural, como o Iphan ou o Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia, se manifestou diante da precariedade das políticas públicas voltadas à museologia e à memória.

No início da gestão, Rocha inaugurou em Vilhena a revitalização da Casa de Rondon, obra financiada com recursos federais. Apesar de ampla cobertura da mídia, nunca mais retornou ao espaço, que permaneceu fechado, sem acervo e esquecido. Apenas em 2024 o imóvel foi reaberto, não pelo governo, mas por uma cooperativa de crédito que adquiriu acervo e, em parceria com a prefeitura, mantém funcionários para a recepção.

Ao longo de sete anos, não houve qualquer ação positiva do governo em favor da memória. Pelo contrário: multiplicaram-se iniciativas que resultaram na destruição do que já existia. Um exemplo é a descontinuidade do Museu Virtual de Gente, criado para registrar depoimentos de personalidades da história local. A professora e benemérita da cultura Maria Nazaré Silva, de Porto Velho, catalogou cerca de 400 entrevistas audiovisuais. Hoje, os DVDs com esse acervo estão extraviados.





ELES SÃO NOMES DA DIREITA, MAS DÃO *UPGRADE* NA ESQUERDA MARCOS ROCHA, EXPEDITO NETTO E FÚRIA RECOLOCAM O PT NA ORDEM DO DIA

O que têm em comum Marcos Rocha (PSD), Expedito Netto (PT) e Adailton Fúria (PSD)? À primeira vista, nada que os aproxime da esquerda. Seus discursos e trajetórias são marcados pelo campo conservador e direitista, apesar de Netto ocupar um cargo de confiança no governo petista. No entanto, paradoxalmente, foram justamente eles que, neste início de 2026, embaralharam o tabuleiro político de Rondônia e devolveram o Partido dos Trabalhadores ao centro das discussões eleitorais.

Até o fim de 2025, Rocha – então filiado ao União Brasil – era apontado como candidato ao Senado. A dúvida pairava sobre quem apoiaria para o governo, já que seu vice, Sérgio Gonçalves, também do União, anuncia intenção de disputar a sucessão. O conflito interno levou Rocha a desistir da corrida ao Senado e a se aproximar do PSD, partido comandado por Fúria e pelo ex-senador Expedito Júnior.

Nesse cenário, Expedito Júnior articulou a filiação do filho, Expedito Netto, ao PT. A jogada foi interpretada como estratégia para ampliar poder de barganha em um eventual segundo turno ou, no mínimo, testar a receptividade do nome de Netto como “balão de ensaio”. A movimentação foi suficiente para obrigar Fúria a reafirmar publicamente sua identidade de direita e conservadorismo, já que cresceu a percepção de que o PSD poderia estar se transformando em uma nova trincheira da esquerda em Rondônia.

O PT, até então apagado do processo, voltou ao debate político com força. A possibilidade de Expedito Netto disputar o governo – e, caso não avance ao segundo turno, apoiar Fúria – recolocou o partido em posição estratégica. De forma indireta, o PT ganhou mais visibilidade do que com sua própria tentativa de interiorização através da “Caminhada da Esperança”, projeto que percorreu cidades-polo, mas não empolgou além das fileiras petistas.

Na “Caminhada”, os nomes de Confúcio Moura (MDB) e Acir Gurgacz (PDT) foram apresentados como protagonistas. Nenhum, porém, despertou entusiasmo. Confúcio fez questão de frisar que não é de esquerda e lembrou sua convivência pacífica com Jair Bolsonaro quando ambos eram deputados federais e depois com Bolsonaro presidente e ele senador. Já Acir preferiu, ultimamente, destacar a busca de apoio junto a Léo Moraes (Podemos), prefeito de Porto Velho, que já declarou adesão ao correligionário Delegado Flori.

Em resumo, Rocha, Netto e Fúria conseguiram, cada um a seu modo, o que as estratégias petistas não alcançaram: recolocar o PT no jogo político – pela confirmação ou pela negação. Com a entrada de Expedito Netto, o partido pode ganhar fôlego para eleger deputados federais e estaduais e, ainda, negociar espaços em um eventual segundo turno.

As pesquisas indicam que Fúria deve estar no páreo contra um candidato da direita mais alinhada ao bolsonarismo raiz, que pode ser Marcos Rogério (PL) ou Delegado Flori (Podemos). Os demais, até agora, não estão no páreo. E todos – os ditos de esquerda ou progressistas (Expedito, Acir e Samuel Costa) deverão aderir à candidatura de Fúria. As próximas pesquisas dirão quem são os favorecidos pelas estratégias e conjecturas.

ACIR INSISTE NA CANDIDATURA

O ex-senador Acir Gurgacz (PDT) integra o grupo liderado pelo PT que recentemente promoveu a *Caminhada da Esperança*, mobilização que percorreu cidades-polo de Rondônia em busca de apoio político. O movimento, no entanto, não repercutiu além dos círculos da esquerda.

Acir reafirma sua intenção de disputar o Senado – embora apareça como candidato a governador nas sondagens feitas por institutos de pesquisa. Sua postulação encontra pouca ressonância fora do campo da esquerda. Paralelamente, mantém diálogo com o prefeito da capital, Léo Moraes (Podemos), que já anunciou apoio ao prefeito de Vilhena, Flori Cordeiro (Podemos), para a sucessão estadual.

No PDT, Acir encontra-se praticamente isolado. A situação se complica ainda mais diante da possibilidade de o PT lançar candidatura própria ao governo, após a filiação do ex-deputado federal Expedito Netto.

Apesar das dificuldades, Acir insiste em manter seu nome na disputa. Mesmo quando é esquecido em pesquisas estimuladas, ele reafirma sua perseverança em seguir na corrida.





PENSANDO OS FATOS

Fernando Pereira

Jornalista e Mercadólogo, com formação em Filosofia e Teologia; mestrando em Ciências Políticas)

O SILENCIO DOS INDECISOS: A INCERTEZA QUE DOMINA O CENÁRIO ELEITORAL EM RONDÔNIA

“A liderança de Fúria ou Rogério, embora relevante, ainda é frágil”



Faltando apenas nove meses para as eleições gerais e estaduais de 2026, o cenário político em Rondônia começa a ganhar contornos oficiais com a divulgação da primeira pesquisa registrada no Tribunal Regional Eleitoral (TER) sob o nº 0828-2026. O levantamento, realizado pelo Instituto Phoenix entre os dias 16 e 20 de janeiro, revela um estado em profunda fase de observação, onde nomes conhecidos despontam na frente, mas a verdadeira força política parece residir no vácuo das indefinições.

No topo da sondagem estimulada, o prefeito de Cacoal, Adailton Fúria (PSD), aparece com 21,3% das intenções de voto, seguido de perto pelo senador Marcos Rogério (PL), que registra 18,7%. Devido à margem de erro de 3,45 pontos percentuais, os dois candidatos encontram-se em situação de empate técnico. Esse equilíbrio sinaliza uma disputa acirrada pela hegemonia do eleitorado conservador rondoniense, com Fúria demonstrando a força do municipalismo e do interior, enquanto Rogério aposta em sua projeção nacional e no alinhamento partidário.

Mais atrás, o ex-senador Acir Gurgacz (PDT) consolida-se na terceira posição com 12,2%, provando que mantém uma base fiel e resiliente. O quadro se pulveriza com nomes como Samuel Costa (7,6%), Sérgio Gonçalves (5,5%), Maurício Carvalho (3,1%),

Delegado Flori (2,4%) e Raduan Miguel (2,1%). Contudo, o dado que mais deve preocupar — ou dar esperanças — aos estrategistas de campanha é o índice de indecisão: 18,2% dos eleitores não souberam ou não quiseram opinar, e outros 8,7% pretendem votar em branco ou nulo. Somados, esses grupos representam 26,9% do eleitorado, um contingente maior do que a intenção de voto de qualquer candidato isolado.

Ao analisarmos o recorte por gênero, os números mostram pouca variação, mas trazem detalhes interessantes. Adailton Fúria performa levemente melhor entre as mulheres, alcançando 22,2%, contra 20,5% entre os homens. Já Marcos Rogério mantém uma estabilidade notável, com 19% entre o público feminino e 18,4% no masculino. Acir Gurgacz, por sua vez, apresenta uma preferência masculina mais acentuada, com 14% contra 10,6% das mulheres.

O que esta “fotografia” de janeiro nos diz é que o campo está amplamente aberto. A liderança de Fúria ou Rogério, embora relevante, ainda é frágil e baseada em reconhecimento de nome, e não necessariamente em uma decisão de voto consolidada. O eleitor rondoniense parece estar aguardando propostas concretas antes de fechar sua escolha.



ESPEREZA

Expedito Júnior joga com duas cartas para o governo

Expedito Júnior (PSD) já disputou o governo de Rondônia três vezes: em 2010, 2014 e 2018. Nas duas últimas, chegou ao segundo turno contra Confúcio Moura (MDB) e Marcos Rocha (à época no PSL). Em 2022, porém, sofreu um duro revés ao concorrer ao Senado, terminando apenas em quarto lugar, com 10,24% dos votos. Agora, tenta recomeçar de onde iniciou sua trajetória política há quatro décadas: como candidato a deputado federal em 2026.

A ambição de chegar ao Palácio Rio Madeira, no entanto, permanece viva. Expedito articula abertamente a candidatura de Adailton Fúria (PSD) ao governo do estado. Ao mesmo tempo, ainda que não declare publicamente, estimula o filho, Expedito Netto (PT), a também entrar na disputa.

Se ambos avançarem com força, o cenário do segundo turno pode abrir espaço para negociações e repartição de cargos. A estratégia ganha ainda mais peso caso Expedito Júnior conquiste uma cadeira na Câmara e Netto alcance uma votação expressiva.



DESCULPA ESFARRAPADA

Marcos Rocha, considerado por muitos o pior governador da história de Rondônia – empatando, talvez, com Jerônimo Santana – anda espalhando que não será candidato ao Senado porque foi “traído” pelo vice, Sérgio Gonçalves, e não quer lhe dar o gostinho de assumir o governo por alguns dias. Balela. A verdade é que Rocha sabe que, se fosse para a disputa, ficaria pelo caminho. A desculpa é só cortina de fumaça para esconder a falta de fôlego político. E mais: no fim, ele vai acabar querendo disputar.

ESPERTO E TRAIDOR

Se governar mal é sua marca, cavar espaço de poder é sua especialidade. Em 2018, percebendo a onda bolsonarista, Rocha foi rápido: filiou-se ao PSL e surfou na maré que o levou ao Palácio Rio Madeira. À época, era secretário de Justiça, nomeado por Confúcio Moura (MDB), a quem não só traiu como até hoje insiste em dizer que “jamais votaria” no ex-governador. Rocha só existe politicamente por conta da oportunidade que Confúcio lhe deu.

ESPERTO 2

A rapina política continua. De olho em 2026, Rocha já percebeu que o nome da vez é Adailton Fúria. Não hesitou: já ficou próximo do PSD, partido aliado de Lula. Estratégia clara: colar-se em Fúria, usar a máquina a favor e ainda indicar o vice da chapa – dizem que será o apresentador e empresário Everton Leoni. Assim, Rocha garante espaço na transição e sobrevida política.

RETORNO

Com a possível saída de Rocha do União Brasil, surge a dúvida: será que Fernando Máximo, o “Zé Toquinha”, volta ao partido? Difícil. Mariana Carvalho continua por lá e não parece disposta a abrir espaço para o rival.

EXCLUSIVO

A notícia da migração – que acabou não confirmada – de Rocha para o PSD deixou Marcos Rogério (PL) sozinho na disputa pela herança bolsonarista em Rondônia. Outros concorrentes até têm vínculos com Bolsonaro, mas nenhum com a intensidade de Rogério. Ele tende a chegar ao segundo turno – a não ser que Delegado Flori (Podemos) surpreenda. Algumas pesquisas têm mostrado essa possibilidade.

GÍRIA CAIPIRA >>>

Flori, aliás, tem um apelido curioso para Adailton Fúria: “cavalo peludo”. É gíria do interior paulista, de onde vem o delegado-prefeito-candidato a governador, para dizer que, embora jovem, “Fúria carrega todos os vícios da velha política e se cerca de figuras carimbadas como Expedito Júnior e companhia”.

DANDO TRABALHO

Vice é sempre um problema. Hildon Chaves (PSDB) teve atritos com Edgar do Boi. Mauro Nazif (PSB) ignorava Dalton Di Franco. Agora é a vez de Leo Moraes (Podemos). Ele achava que sua vice, Magda dos Anjos, apoiaria seu irmão Paulo Moraes para deputado estadual. Mas Magda tomou gosto pela política e quer ser candidata à Assembleia. Sem espaço na administração e excluída de solenidades, anda ressentida – e pode descontar nas urnas. Com boas chances de vitória.

NEM CONFIANÇA

Mariana Carvalho (União) anunciou candidatura ao Senado. O silêncio foi ensurdecedor: ninguém deu bola. Seu irmão, Mauricinho, também sonha alto e diz que pretende disputar o governo. Nenhum jornalista levou a sério. Na verdade, quer mesmo é ser vice de alguém – como já foi em 2018, na chapa de Expedito Júnior. Mas, desta vez, sem chance de a história se repetir, a menos que... \$\$\$.





CORONEL CHRISÓSTOMO VOLTA A MENTIR NA INTERNET CIDADÃO COGITA PEDIR EXAME DE SANIDADE MENTAL DO DEPUTADO

O deputado federal Coronel Chrisóstomo (PL-RO) voltou a ser alvo de críticas após publicar, no último domingo (17), em seu perfil no Instagram, um vídeo com informações falsas atribuídas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Na gravação, o parlamentar afirma que Lula teria dito que “o pobre não nasceu para estudar, nasceu para trabalhar”.

O trecho, no entanto, foi retirado de contexto. No discurso integral, o presidente fazia justamente o contrário: uma crítica histórica ao pensamento das elites brasileiras, que por séculos defenderam que os pobres não deveriam ter acesso à educação. A fala, portanto, foi manipulada por meio de corte seletivo, transformando a crítica em suposta defesa dessa ideia.

HISTÓRICO DE POLÊMICAS

Não é a primeira vez que Chrisóstomo se envolve em episódios controversos. O parlamentar já protagonizou situações inusitadas em comissões do Congresso, como interromper uma audiência da CPMI do INSS para propor que colegas cantassem “Parabéns a Você” ao senador Magno Malta (PL-ES). Em outra ocasião, reproduziu de seu celular, em plena sessão, uma música feita por inteligência artificial em sua própria homenagem. Os episódios geraram risos e críticas de parlamentares, expondo Rondônia a constrangimentos.

Paralelamente, o deputado é investigado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) por nepotismo. Segundo representação do Ministério Público junto ao TCU, Chrisóstomo teria empregado a companheira, uma cunhada e dois concunhados em seu gabinete, com salários que somam mais de R\$ 2,1 milhões.



REAÇÃO POPULAR

Entre as centenas de comentários negativos contra o deputado, um chama atenção. Um cidadão de Porto Velho, que preferiu não se identificar por temor de represálias, afirmou ao jornal CDM que pretende ingressar na Justiça com pedido de exame de sanidade mental do congressista. “Não pode alguém em pleno juízo fazer o que ele tem feito, reiteradamente”, disse. O jovem acadêmico de Direito ressaltou não ser petista nem de esquerda, mas defendeu que “o jogo precisa ser limpo e honesto, baseado em propostas e verdade”.

Um cidadão comum não pode solicitar diretamente o exame, mas pode protocolar representação junto ao Ministério Pùblico Federal (MPF) ou ao Conselho de Ética da Câmara. A Constituição Federal não exige exames de sanidade mental para candidatos. Porém, se alguém for declarado incapaz judicialmente, perde direitos políticos, como votar e ser votado.

FAKE NEWS E CRIME ELEITORAL

A divulgação de notícias falsas durante o período eleitoral pode configurar crime eleitoral. O artigo 323 do Código Eleitoral (Lei nº 4.737/1965) prevê detenção de até dois anos e multa para quem divulgar fatos sabidamente inverídicos sobre partidos ou candidatos, capazes de influenciar o eleitorado. Sites especializados, como o Boatos.org, já desmentiram a versão divulgada por Chrisóstomo.



Nesta semana, o deputado Chrisóstomo participou de parte da caminhada de Nikolas Ferreira, “em defesa da liberdade”



O OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE OS INDÍCIOS DE INSANIDADE DO DEPUTADO CHRISÓSTOMO

- **Mania de perseguição**
 - Para a psicanálise, delírios persecutórios podem ser entendidos como projeções: o sujeito atribui ao outro sentimentos ou intenções hostis que, na verdade, pertencem ao seu próprio mundo interno.
 - Freud e, depois, Melanie Klein, destacaram que a paranoia pode estar ligada à dificuldade de lidar com angústias primitivas e à necessidade de projetar o “mau objeto” fora de si.
- **Mentira contumaz**
 - A repetição da mentira pode ser vista como um mecanismo de defesa contra a angústia ou contra a percepção de uma realidade dolorosa.
 - Em alguns casos, funciona como tentativa inconsciente de construir uma narrativa mais suportável para si mesmo, ainda que desconectada dos fatos.
- **Reiteração de erros**
 - A psicanálise interpreta a repetição como um fenômeno central: o chamado “compulsão à repetição”.
 - Freud descreveu que o sujeito tende a repetir padrões, mesmo nocivos, porque está preso a conflitos inconscientes não elaborados.
- **Teorias conspiratórias**
 - Psicanalistas contemporâneos apontam que a adesão a narrativas conspiratórias pode estar ligada ao narcisismo e à necessidade de sentir-se especial ou detentor de uma verdade oculta.



PREFEITOS DE VILHENA SÃO RETRATADOS EM LIVRO

Foi lançado nesta semana o livro “O Poder - A história do Poder Executivo de Vilhena”, de autoria do jornalista e escritor Júlio Olivari (Editora Amazônia Livros, 300 páginas). A obra, fruto de um ano de pesquisas, está sendo comercializada exclusivamente pelas redes sociais.

O trabalho reúne entrevistas com ex-prefeitos, fotografias inéditas e relatos dos bastidores da política local, cobrindo desde a criação do distrito de Vilhena, em 1969, até os dias atuais. Além da narrativa política, o livro traz referências históricas sobre a formação do município, desde os povos originários até a passagem da Comissão Rondon pelo Planalto dos Parecis.

Com linguagem acessível e formato de almanaque, a obra apresenta uma linha do tempo que facilita a leitura e torna o conteúdo compreensível para diferentes faixas etárias. O livro também se propõe a ser fonte de pesquisa para estudantes e acadêmicos interessados na história política e social da região.

IMAGENS RARAS E ATMOSFERA HISTÓRICA

Na capa, uma aquarela retrata o antigo Palácio dos Parecis, sede do Poder Executivo entre 1979 e 1985 – é a atual sede da Universidade Federal de Rondônia em Vilhena. O prédio foi palco da posse do primeiro prefeito, vice-prefeito e vereadores em 1983, simbolizando a autonomia e autoestima da cidade, que até então tinha sua prefeitura instalada em imóveis alugados e precários.

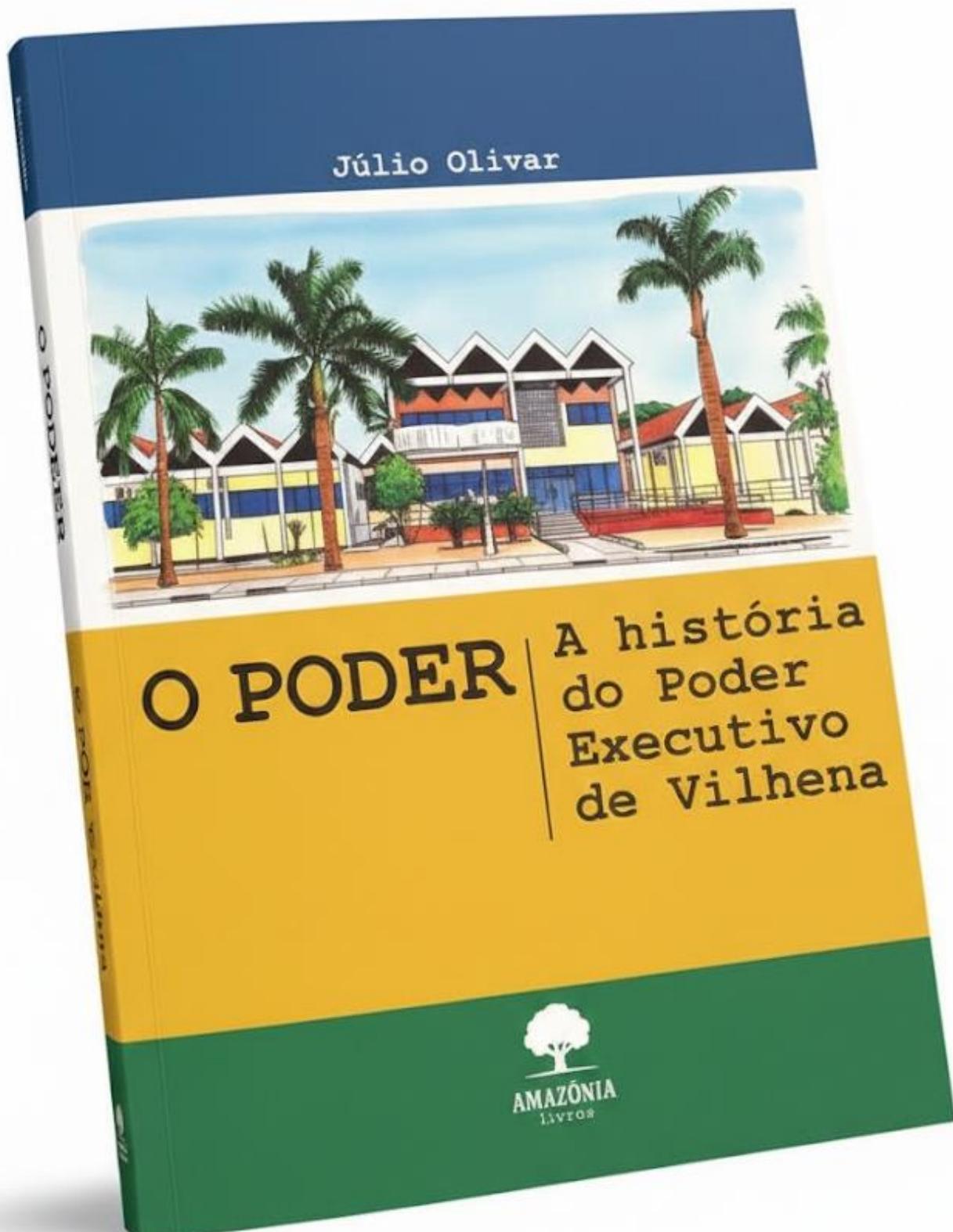
O livro reúne uma ampla coletânea de imagens provenientes dos acervos pessoais dos ex-prefeitos. Muitas dessas fotografias nunca haviam sido publicadas ou exibidas ao público. O resultado é um verdadeiro álbum histórico que revela não apenas a vida administrativa, mas também aspectos humanos dos gestores que marcaram a trajetória política de Vilhena.

As fotos e textos em preto e branco reforçam a atmosfera de memória e tradição, sem abrir mão de uma linguagem contemporânea. A obra não se limita a enaltecer ex-gestores: busca retratar suas biografias com isenção, críticas e nuances, mostrando as pessoas por trás do poder, em vez de suas máscaras sociais.

PRODUÇÃO LOCAL E ACABAMENTO REFINADO

A produção valorizou a indústria gráfica da região. O livro foi impresso pela Gráfica Imediata, de Porto Velho, considerada uma das melhores do Norte do país. Em formato grande (A4), o miolo utiliza papel pôlen, cuja tonalidade amarelada e textura porosa reduzem o reflexo da luz, diminuem a fadiga ocular e tornam a leitura mais confortável em textos longos. Além disso, o material é leve, durável e transmite sensação de aconchego.

O exemplar é vendido ao preço de R\$ 150,00, exclusivamente pelas redes sociais. Interessados podem acessar o perfil do autor: instagram.com/julio_olivar.



ACIDENTE MATA EX-PREFEITO DE COLORADO



O ex-prefeito de Colorado do Oeste (83 km de Vilhena) Anedino Carlos Pereira Júnior, o Anedino da Farmácia, faleceu nesta quarta-feira, 21 de janeiro, aos 57 anos, apenas cinco dias após seu aniversário.

O acidente ocorreu por volta das 12h, em frente ao ginásio de esportes da cidade, localizado em uma ladeira. Anedino havia estacionado sua camionete F-250 e saiu do veículo para conversar com um grupo de pessoas em uma casa lotérica próxima. Com a porta ainda aberta, o automóvel começou a descer de ré pela pista.

Ao tentar retornar ao veículo para acionar o freio de mão, que estava desengatado, Anedino se desequilibrou e caiu sob a roda dianteira, que passou por cima de sua cabeça. O impacto foi fatal. O Corpo de Bombeiros o levou ao hospital, mas ele já chegou sem vida.

Empresário atuante nos setores farmacêutico, supermercadista e agrícola, Anedino foi eleito prefeito de Colorado do Oeste por dois mandatos consecutivos, em 2008 e 2012. Em 2014, concorreu ao cargo de deputado estadual.

Figura popular e respeitada na região, sua morte causou comoção entre moradores, lideranças políticas e empresários da região. O corpo foi velado na Igreja Matriz da cidade e conduzido ao cemitério, na quinta-feira, em um caminhão do Corpo de Bombeiros. Populares acompanharam a passagem do cortejo.

A cima, a reprodução de imagem divulgada em grupos de WhatsApp do local do acidente.



MORRE RAUL JUNGMANN, EX-MINISTRO DE ESTADO

O ex-ministro Raul Jungmann morreu no sábado (18), aos 73 anos, vítima de câncer no pâncreas. Ele estava internado no Hospital DF Star, em Brasília, e lutava havia anos contra a doença. Atualmente, ele era presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), entidade da qual era diretor-presidente.

Nascido em Recife (PE), em 3 de abril de 1952, Jungmann iniciou o curso de Psicologia na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) em 1976, mas não chegou a concluir-lo. Sua militância política começou ainda durante a ditadura militar, no clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nos anos 1970, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime, e participou da campanha pelas Diretas Já na década seguinte.

Nos anos 1990, ajudou a fundar o Partido Popular Socialista (PPS), legenda na qual permaneceu por mais de duas décadas. Em 2019, o PPS passou a se chamar Cidadania. Ao longo da carreira, ocupou diversos cargos públicos: foi secretário de Planejamento de Pernambuco (1990-1991), presidiu o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) entre 1995 e 1996, e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Inca) de 1996 a 1999. No governo federal, comandou os ministérios da Defesa e da Segurança Pública.

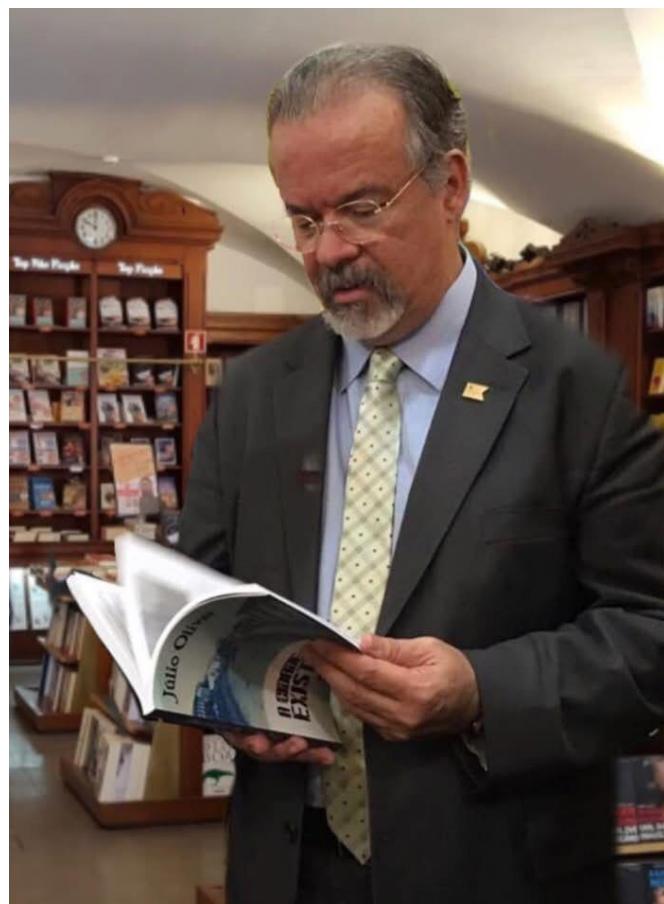
PASSAGEM POR PORTO VELHO

Em 2017, como ministro da Defesa, Jungmann esteve em Porto Velho para celebrar os 50 anos da primeira operação do Projeto Rondon. Na ocasião, participou de cerimônia no Memorial Rondon, onde descerrou uma placa alusiva à data e deu início às atividades da Operação "Rondon Cinquentenário", realizada em 15 municípios do estado.

"O Projeto Rondon alcançou nesse período mais de dois milhões de brasileiros. É um patrimônio e a concretização do sonho da vida do marechal Cândido Rondon, que nos deixou de melhor o exemplo de generosidade, solidariedade e amor ao Brasil".



Placa descerrada por
Jungmann no Memorial
Rondon,
em Porto Velho
(Fotos: Divulgação)





RESGATE DE CACHORRINHA EM GALERIA PLUVIAL REFORÇA ALERTA SOBRE RESPONSABILIDADE DE TUTORES EM VILHENA

MARIO QUEVEDO

| Texto / Colaborador

O resgate de uma cachorrinha que permaneceu cerca de quatro dias presa em uma galeria pluvial no bairro Cohab, em Vilhena, ganhou grande repercussão e reforçou o debate sobre a responsabilidade dos tutores com seus animais. O caso mobilizou uma ampla força-tarefa, envolvendo o Corpo de Bombeiros, servidores da Secretaria Municipal de Obras (Semosp), da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, profissionais da área veterinária, além de moradores da região, um vereador e intensa mobilização nas redes sociais.

As tentativas de resgate começaram ainda nos primeiros dias após a localização do animal, mas a operação foi considerada complexa devido à profundidade da galeria e à dificuldade de acesso. Para alcançar a cachorrinha, foi necessário realizar escavações, utilizar uma retroescavadeira e remover partes das manilhas da rede pluvial. Em algumas ocasiões, o ruído das máquinas acabou assustando o animal, que se deslocou ainda mais para o interior da estrutura, prolongando o trabalho das equipes.

O desfecho aconteceu na manhã da quinta-feira, 22 de janeiro, quando um morador percebeu que a cachorrinha se aproximou da borda de um bueiro e conseguiu retirá-la com segurança. Após o resgate, o veterinário Alex realizou a avaliação inicial do animal, verificando seu estado de saúde depois de vários dias exposta a um ambiente insalubre, sem acesso adequado a água e alimentação.

Além de comover a população pela união e esforço coletivo, o caso serviu de alerta às autoridades e profissionais envolvidos, que destacaram a importância da guarda responsável. Situações como essa podem ser evitadas com medidas simples, como manter os animais em locais seguros, supervisionar seus deslocamentos e impedir o acesso a áreas de risco, especialmente em bairros com galerias pluviais, bueiros abertos e obras em andamento.

O episódio evidenciou não apenas a solidariedade da comunidade de Vilhena, mas também a necessidade de conscientização contínua dos tutores sobre seus deveres, visando a proteção dos animais e a prevenção de acidentes semelhantes no município.



PREFEITURA DE VILHENA PROMOVE CASTRAÇÃO GRATUITA DE CÃES E GATOS

A Prefeitura Municipal de Vilhena deu início, em janeiro de 2026, às ações do projeto Castra+Rondônia, que oferece castração gratuita de cães e gatos. As cirurgias ocorreram entre os dias 20 e 27 de janeiro, mediante agendamento prévio no site oficial do programa. A iniciativa contou com o suporte da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), responsável por orientar tutores e auxiliar nos cadastros.

O objetivo da ação é controlar a população de animais e promover saúde pública, reduzindo casos de abandono e doenças relacionadas.

COMO FUNCIONOU A AÇÃO – Agendamento: Os tutores precisaram realizar cadastro antecipado e preencher formulário no site do Castra+Rondônia ou procurar atendimento presencial na SEMMA.

Requisito: Antes de confirmar o agendamento, era obrigatório emitir o RG do animal pelo sistema Sinpatinhas (sinpatinhas.mma.gov.br).

Atendimento: As cirurgias foram realizadas durante sete dias, com suporte presencial da SEMMA para esclarecimento de dúvidas.

Gratuidade: O procedimento foi totalmente gratuito, mas os tutores ficaram responsáveis pelos cuidados pós-operatórios dos animais.

Próximas etapas – A Prefeitura orienta que os interessados acompanhem o site oficial de Vilhena (categoria SEMMA) e as redes sociais institucionais para novas datas e locais. O portal do Castra+Rondônia também disponibilizará informações atualizadas sobre futuras ações.

ESTADO QUE TEM GOVERNADOR PM DEIXA JOVEM MORTO NO MEIO DA RUA DURANTE SEIS HORAS

Situação expõe fragilidade da Segurança Pública em Rondônia, que tem apenas um rabecão na capital

Rondônia é governado por um coronel da Polícia Militar, o que naturalmente deveria colocar a Segurança Pública como prioridade absoluta. No entanto, a realidade mostra o contrário. O estado enfrenta uma escalada de violência — que vai dos crimes domésticos à guerra entre facções — sem apresentar à população um planejamento claro para conter a insegurança.

A falta de estrutura ficou evidente nesta semana, em Porto Velho. O corpo de um jovem vítima de acidente de moto permaneceu por seis horas estirado no meio da rua, porque o governo alegou não ter rabecão disponível no IML (Instituto Médico Legal). O único veículo da Secretaria de Segurança Pública destinado à remoção de cadáveres estava em trânsito, recolhendo outro corpo em um distrito da capital. O episódio expôs a precariedade e a ausência de planejamento do sistema.

O mecânico **Douglas Ferreira da Silva (FOTO)**, de 28 anos, morreu na tarde de terça-feira (20), após perder o controle da moto XRE 300 e colidir contra árvores na avenida Guaporé. O corpo só foi retirado por volta das 21h. A demora gerou comoção e revolta entre familiares e populares. “Isso aumentou nosso sofrimento”, lamentou uma prima da vítima. Nas redes sociais, a repercussão foi imediata: “É um descaso muito grande”, escreveu Iona Albuquerque no Instagram. “Que falta de empatia”, resumiu Juliana Dias, entre outras centenas de comentários.

Apesar da demora do IML, a Polícia Militar esteve no local, registrou a ocorrência, isolou a área e permaneceu ao lado da família até a chegada do rabecão.

NÃO FOI A PRIMEIRA VEZ – Recentemente, segundo o internauta Marcelo Pereira, aconteceu a mesma coisa próximo da ponte Rondon-Roosevelt, que liga Porto Velho a Humaitá. “Um conhecido faleceu próximo a uma parada de ônibus por volta das 15h e vieram recolhê-lo às 23 horas. Foram oito horas de espera”.

ORÇAMENTO DE RONDÔNIA PARA 2026

R\$ 18,65 bilhões; aumento supera inflação

A Comissão de Finanças, Economia, Tributação, Orçamento e Organização Administrativa da Assembleia Legislativa de Rondônia (Alero) aprovou, nesta quarta-feira (21), o Projeto de Lei 1078/2025, que estima a receita e fixa a despesa do estado para 2026 em R\$ 18,65 bilhões.

O valor representa um aumento de 8,33% em relação ao orçamento de 2025, que foi de R\$ 17,21 bilhões, superando a inflação acumulada de 4,3% medida pelo IPCA nos últimos 12 meses.

CONTEXTO ECONÔMICO

Segundo mensagem enviada pelo Poder Executivo, a Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2026 foi elaborada com base nas diretrizes da LDO e do PPA, levando em conta um cenário nacional de crescimento moderado do PIB (1,8%), inflação em desaceleração (4,3%) e juros elevados (Selic projetada em 12,5%).

No âmbito estadual, o governo destacou a geração de mais de 302 mil empregos formais em julho de 2025 e o bom desempenho das exportações de carne bovina e soja como fatores que sustentam a previsão orçamentária.

DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS

A proposta prevê a seguinte divisão entre os Poderes e órgãos estaduais:

- Executivo: 74,89%
- Judiciário: 11,29%
- Assembleia Legislativa: 4,77%
- Ministério Público: 4,98%
- Tribunal de Contas: 2,54%
- Defensoria Pública: 1,53%

Palácio Rio Madeira, sede do Poder Executivo (Foto: Divulgação)





A HISTÓRIA DO HINO DO ESTADO SOB OS CÉUS QUE FORJARAM RONDÔNIA

| WAGNER SILVA

Nascido à margem do Mamoré, o poema que se transformou em hino estadual revelou, antes do tempo, a trajetória histórica, humana e simbólica que daria origem ao Estado de Rondônia. Foi à margem do rio Mamoré, na estação ferroviária de Guajará-Mirim, que Joaquim Araújo Lima deixou de ser apenas o governador do então Território Federal do Guaporé para se tornar poeta. Enquanto aguardava o trem, o tempo parecia suspenso. À sua frente, o Mamoré corria indomável, rasgando a paisagem em corredeiras violentas, águas que impunham respeito e memória. O sol se punha no poente, e o céu se abria vasto, fazendo-se moldura, engalanando a natureza com cores que só quem vive ali aprende a reconhecer.

Aquele olhar não era ingênuo. Diante das corredeiras, estava inscrita a razão de uma das maiores epopeias da história brasileira: a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Para vencer o rio e a floresta, trilhos foram lançados à força de suor, sacrifício e vidas. A ferrovia não foi apenas um feito de engenharia, mas o primeiro grande alicerce da formação de Rondônia, conectando territórios, fixando presença humana e abrindo caminhos definitivos no coração da Amazônia.

Antes disso, porém, a história já havia começado a ser escrita. Vieram os homens da borracha, enfrentando rios hostis e mata fechada, sustentando uma economia que ligava a Amazônia aos centros industriais do mundo. Vieram depois os trabalhadores da ferrovia, imigrantes de diferentes partes do mundo, misturando línguas, culturas e esperanças nos trilhos da Madeira-Mamoré. Entre o látex e o aço, entre o remo e o trilho, o território começava a ganhar identidade.

Foi após esses ciclos que, em 1951, Joaquim escreveu o poema originalmente intitulado "Céus do Guaporé". Ele contemplava um passado já encerrado: o ciclo da borracha havia terminado, a estrada de ferro estava concluída, marcada por glória e dor. Mas o futuro ainda não havia chegado. As grandes levas de migrantes que ocupariam o território ainda estavam por vir. O poema nasce, assim, como memória e presságio — balanço do que foi e intuição do que ainda seria. Em 1956, o Território do Guaporé passaria a se chamar Território Federal de Rondônia, em homenagem ao Marechal Cândido Rondon, símbolo da integração nacional e do respeito à Amazônia. O novo nome não era apenas formal: anuncava que aquela terra deixava de ser fronteira provisória para se afirmar como projeto permanente de nação. Enquanto o território se reorganizava institucionalmente, o poema também seguia seu caminho. Em 1962, ganhou melodia pelas mãos do Juiz de Direito da Comarca de Guajará-Mirim, José de Mello e Silva. Os arranjos ficaram a cargo do mestre da Banda da Guarda Territorial, Francisco de Moraes, com a colaboração do músico Antônio Pereira Dantas, dando identidade sonora à poesia nascida à beira do rio.

Em 1965, a canção foi adotada como hino oficial do município de Porto Velho, acompanhando uma capital em crescimento e um território em transformação, ainda à espera de sua ocupação definitiva. Essa ocupação ganhou forma concreta apenas na década de 1970, quando o governo federal, sob coordenação do INCRA, implantou os Projetos Integrados de Colonização (PICs), fundamentais para fixar famílias, organizar a produção rural e consolidar Rondônia como terra de permanência. O PIC Ouro Preto, implantado em 19 de junho de 1970, foi o primeiro projeto oficial, inaugurando a política de ocupação em massa da Amazônia Ocidental ao longo da BR-364.

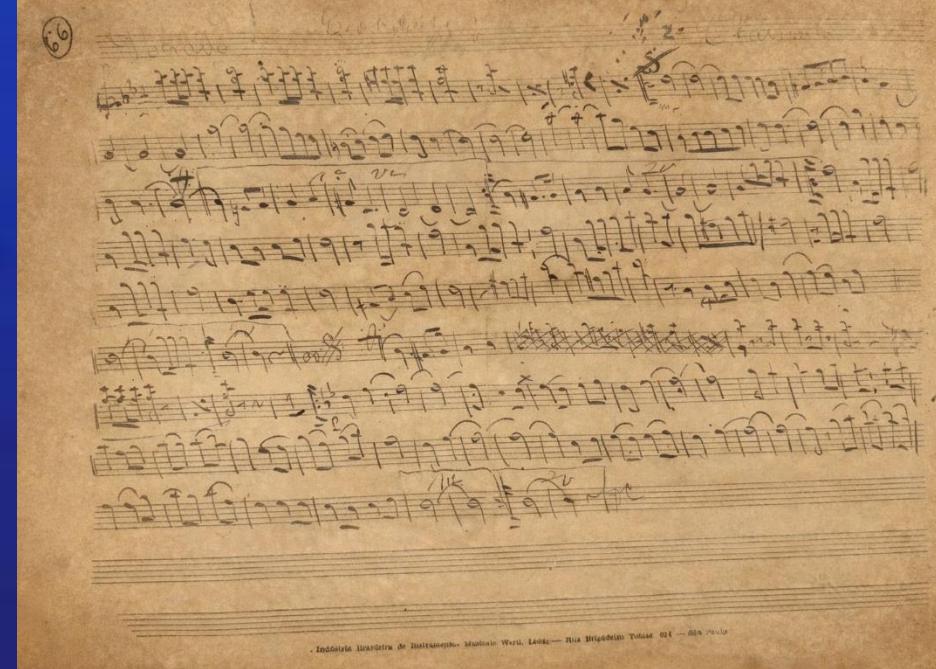
Em 1971, surgiu o PIC Sidney Girão, na região de Guajará-Mirim, seguido pelo PIC Gy-Paraná (Ji-Paraná) e pelo PIC Padre Adolpho Rohl, ambos em 1972, nas regiões de Ji-Paraná e Jaru. Em 1974, o PIC Paulo de Assis Ribeiro, em Colorado do Oeste, ampliou esse movimento. Paralelamente, os Projetos de Assentamento Dirigido (PADs) — como o PAD Burareiro e o PAD Marechal Dutra, criados em 1975, na região de Ariquemes — reforçaram a ocupação organizada do território. Famílias vindas sobretudo do Sul e do Sudeste abriram estradas, fundaram cidades e transformaram promessas em realidade.

Em 1982, Rondônia alcançou sua maturidade política ao ser elevada à condição de Estado. No mesmo ano, o poema passou por ajustes em sua letra, foi rebatizado como "Céus de Rondônia" e oficializado como hino estadual, tornando-se o único hino estadual do Brasil a possuir título próprio. Hoje, a réplica da partitura original, escrita à mão, encontra-se preservada na Exposição Permanente do Centro de Memória do Poder Judiciário de Rondônia, testemunhando que essa obra nasceu de um instante simples e atravessou décadas de construção coletiva.

Nesse sentido, "Céus de Rondônia" ultrapassa a condição de hino para se afirmar como um documento simbólico da formação do Estado. Embora escrito antes de Rondônia existir como unidade política, o texto descreveu o passado, acompanhou o presente e antecipou o futuro.

Azul, nosso céu é sempre azul. Cristalino, muito puro.

Sob esses céus, cantamos forte, com a voz embargada e o coração cheio, porque Rondônia não apenas nasceu: ela foi forjada pelas corredeiras, pelos trilhos, pela terra repartida e pela coragem do seu povo.



***WAGNER SILVA.** Rondoniense de Ouro Preto do Oeste, moldou sua visão de mundo ouvindo as histórias dos pioneiros da região. É Técnico Judiciário no Tribunal de Justiça de Rondônia, atuando no Centro de Memória do Judiciário. Mestrando em História da Amazônia, dedica-se à pesquisa e preservação das raízes locais. Músico e deficiente auditivo, Wagner une a sensibilidade artística à investigação histórica. Atualmente, dedica seu tempo à leitura, à escrita e ao atendimento de pesquisadores, transformando seu trabalho em um espaço de acolhimento para quem busca compreender a identidade e a cultura rondonienses.





CADERNO DE HISTÓRIAS

JÚLIO OLIVAR

@julio_olivar



O BANDEIRANTE RAPOSO TAVARES REMAPEOU O BRASIL: RONDÔNIA SERIA ESPANHOLA, NÃO FOSSE SUA AÇÃO

Há personagens que atravessam os séculos como enigmas. Antônio Raposo Tavares é um deles. Entre herói e genocida, entre cavaleiro da Casa Real e inimigo dos jesuítas, sua vida foi marcada por contradições que fazem parte da formação do Brasil. Ele foi um dos principais bandeirantes paulistas – e neste domingo, 25, é aniversário da cidade de São Paulo. Resolvi relacioná-lo às terras de Rondônia.

No século XVII, quando Portugal buscava expandir seus domínios na América, uma ordem secreta determinou que exploradores avançasse rumo ao Oeste, em busca de novas províncias minerais. Coube a Raposo Tavares comandar a chamada Bandeira de Limites, partindo de São Paulo em 1648 com 200 paulistas e mil indígenas. Três anos depois, após percorrer mais de 10 mil quilômetros, apenas 58 homens sobreviveram.

A jornada foi épica e brutal: doenças tropicais, confrontos, fome e a vastidão da floresta. Economicamente, um fracasso. Nenhum ouro de Potosí, nenhum grande saque. Mas politicamente, um triunfo. Ao optar por descer a bacia amazônica, Raposo Tavares abriu rotas estratégicas e consolidou a presença portuguesa em territórios que, sem sua ousadia, poderiam ter permanecido sob domínio espanhol. Rondônia, por exemplo, estaria em outro mapa.

ENTRE O MITO E A SOMBRA

A expedição de Raposo Tavares foi a primeira missão portuguesa documentada na Amazônia. Ele navegou pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, alcançou Manaus e chegou a Belém. O rei D. João IV recebeu o primeiro relatório oficial sobre a região. Mais de um século depois, o Tratado de Madri (1750) oficializou fronteiras e assegurou a Amazônia a Portugal.

Mas o sertanista não foi apenas desbravador. Foi também destruidor. Suas bandeiras devastaram missões jesuíticas e escravizaram indígenas. A memória de Raposo Tavares ficou por muito tempo silenciada, marcada pela crítica dos padres que o viam como inimigo implacável.

O LEGADO PARADOXAL

Na década de 1920, a historiografia paulista o resgatou como herói da expansão territorial. Seu nome passou a figurar em homenagens oficiais, como a rodovia Raposo Tavares (SP-270), que liga a capital ao interior, além de ter estátuas em museus e é nome de rua até em Lisboa. Assim, o homem que percorreu a maior jornada terrestre da história colonial da América passou a ser lembrado como símbolo de coragem.

Mas a história não se resume a celebrações. Raposo Tavares foi também fruto de sua época: cristão-novo, excomungado pela Igreja, descendente de judeus sefarditas perseguidos pela Inquisição. Um mosaico humano que revela tanto a brutalidade da colonização quanto a audácia que ampliou os horizontes do Brasil.

O SANGUE E O MAPA

Para quem descende de Raposo Tavares, como eu – ele foi meu 11º avô (pelo que me ensina meu mestre em genealogia, José Newton Noronha Almeida, meu primo e igualmente descendente do Raposo) –, sua trajetória não é apenas uma narrativa distante. É parte da própria genealogia. Carrego nas veias o sangue de um homem que, em vida, foi paradoxal: ousado e cruel, visionário e devastador.

Se Rondônia hoje é Brasil, é porque Raposo Tavares decidiu enfrentar o desconhecido. Sua marcha pela Amazônia redesenhou fronteiras e deixou marcas que ainda nos obrigam a refletir: até que ponto a expansão de um território pode ser celebrada sem que se reconheça o preço humano que ela custou?

Raposo Tavares permanece, assim, entre o mito e a sombra. Um personagem que ajudou a mapear o Brasil, mas também expôs as cicatrizes da colonização em território ancestral ameríndio.

Estátua do sertanista Raposo Tavares no Museu do Ipiranga, em São Paulo (SP). >>>





JOSÉ CARLOSSÁ

Jornalista mineiro radicado em São José (Santa Catarina), colecionador de muitas histórias em Rondônia.

O DEFUNTO ENJEITADO

Tem coisa que só acontece comigo. No início da noite de ontem o telefone fixo tocou.

– Alô?
– Alô, pois não?
– Aqui é do Pronto Socorro João Paulo II. O senhor conhece o senhor Sinesto Rodrigues Neto ou alguém da família dele?
– Não, senhora.
– Em que bairro o senhor mora?
– Moro no bairro Cohab Três...
– Ah, o seu Sinesto morava na avenida Jatuarana, aí perto... De quem o senhor comprou esse telefone?
– Da própria concessionária...
– Faz muito tempo?
– Eu já falei para a senhora que não conhecemos a pessoa... – e cortei a ligação.

Mais tarde, atendo novamente ao telefone e a conversa se repete com pouca variação.

Na terceira vez que o telefone tocou, a paciência (“Que paciência?”, pergunta sempre a Marcela) já tinha escorrido completamente. Só esperei a mulher fazer a introdução.

– Já disse duas vezes que não conhecemos a pessoa. A senhora pode fazer o favor de parar de telefonar para cá?
– O senhor vai dizer outras vezes, pois eu sou a Assistente Social do Pronto Socorro e este número é o que consta na ficha de internamento. O seu Sinesto morreu e estou tentando localizar a família...
– Mas não é daqui, meu Deus. EU NÃO CONHEÇO NENHUM SINESTO, NEM PARENTE DELE. NÃO SOU O DONO DO DEFUNTO QUE A SENHORA QUER QUE EU ADOTE!

Bati o telefone e o desliguei da tomada. Que Deus me perdoe.

(Crônica originalmente publicada no Blog Banzeiros, em 24 de março de 2009.)



Tago

JORNAL COOL DO MUNDO
INDEPENDENTE.

O charme do passado
e a ousadia de quem faz
jornalismo popular



CARTAS DE UMA VILHENENSE NA EUROPA

Pâmela Monic Melo (*), graduada em jornalismo e história, residente em Madri.
@pame_melo_

QUANDO O MUNDO SE ENCONTRA EM MADRID



ter grande destaque na feira.

No entanto, neste ano, as celebrações de inauguração e a presença política, típicas do evento, foram bastante reduzidas, já que o governo decretou três dias de luto oficial pelas 43 vítimas de um grave acidente de trem ocorrido no dia 18 de janeiro, na localidade de Adamuz, em Córdoba. Por esse motivo, apenas o Rei e a Rainha compareceram brevemente ao evento.

Ainda assim, mais do que uma feira, a Fitur reafirma o turismo como um motor social, cultural e econômico global. Um setor que segue se reinventando, conectando países, histórias e pessoas — e que, mesmo em meio à sobriedade do luto, nos lembra que viajar também é uma forma de encontro, de escuta e de futuro.

Esta semana acontece em Madrid a Fitur — Feira Internacional do Turismo — o evento do setor turístico mais importante da Europa e também uma referência mundial.

A 46ª edição anual, que começou na última quarta-feira, dia 21 de janeiro, e termina no domingo, dia 25, prevê receber cerca de 255 mil visitantes no recinto ferial da IFEMA, em Madrid, capital da Espanha.

O México é, neste ano, o país “protagonista” e, junto com outros 160 países e cerca de 10 mil empresas, promete oferecer uma verdadeira “viagem” cultural aos destinos mais desejados do mundo, sem que os visitantes precisem sair do solo espanhol.

O México trouxe nesta edição a maior exposição já apresentada pelo país na feira, com ampla degustação de comidas e bebidas típicas. Seu estande é um dos mais destacados e coloridos do evento. Com apresentações musicais, danças tradicionais e uma atmosfera vibrante, o país apresenta ao público diversos personagens culturais mexicanos, vestidos a caráter. A proposta é atrair a atenção dos visitantes e revelar os encantos culturais do país, com o objetivo de cativar futuros turistas do mundo todo. Afinal, a Fitur é, cada vez mais, um grande escaparate do turismo mundial.

Nos três primeiros dias, a feira é aberta exclusivamente aos profissionais do setor turístico. Já nos dias 24 e 25, o evento abre suas portas ao público em geral.

Como todos os anos, a feira oferece uma infinidade de atrações aos visitantes. Nesta edição, há cabines de realidade virtual, a possibilidade de subir em um carro de Fórmula 1 real, além de degustações de cafés, vinhos, azeites, doces e comidas típicas, assim como a distribuição de brindes entre os participantes.

Além das exposições dos países convidados, a Espanha também aproveita o evento para mostrar ao mundo seu enorme potencial turístico, enaltecendo sua cultura, sua gastronomia e sua natureza. Regiões como Andaluzia, Galícia, Astúrias e Extremadura costumam

COOL DO MUNDO

TODO SÁBADO NO
SEU WHATSAPP.

Escaneie o QR Code e
junte-se ao nosso grupo!



ROBERTO SCALÉRCIO PIRES *escreve*

QUANDO O PIANO SILENCIA

Havia um ritual silencioso em torno dela. Antes da primeira nota, vinha o ajuste do banco, o respirar contido, o olhar que media não apenas o teclado, mas a alma de quem estava à frente. Não foi apenas uma professora de música, foi uma guardiã do tempo, dessas que ensinavam sem pressa e corrigiam sem ferir.

Aprendi que suas aulas iam além das teclas. Cada exercício trazia embutida uma lição de paciência, cada escala era um convite à disciplina, cada erro, tratado com doçura firme, tornava-se possibilidade. Ela não ensinava apenas a tocar: ensinava a escutar o som e o silêncio.

Entre uma correção e outra, havia histórias, quase sempre contadas em voz baixa, como se não quisessem competir com a música. Falava-se dos compositores como velhos amigos, e do piano como se fosse um ser vivo, exigente, sensível, às vezes temperamental, mas sempre digno de respeito.

Professora Cidinha Rocha, me ensinou que o verdadeiro domínio não está na força dos dedos, mas na delicadeza do gesto. Que um acorde poderia ser abrigo, que o pedal, quando bem usado, sustentava mais do que notas: sustentava emoções. E que a música, quando bem ensinada, permanecia mesmo quando o som passava.

O piano está quieto. Não por ausência, mas por reverência. Cada tecla guarda sua marca invisível, a sala conserva um eco que não se apaga. Cidinha Rocha partiu, mas deixou espalhados pelo mundo inúmeros começos: mãos que aprenderam, ouvidos que despertaram, corações que encontraram na música um modo de existir.

Há forte saudade, que vem acompanhada de gratidão. Porque certas pessoas não se despedem, continuam afinando a escuta para a vida. E, sempre que um aluno se sentava diante do piano com respeito e amor, discretamente Cidinha Rocha pedia silêncio e começava a aula.



“O *Centro Musical Ernesto Nazareth* foi um templo não por paredes sagradas, mas por rituais diários em afinar instrumentos, aquecer a voz, repetir escalas, errar e recomeçar como nas antigas ordens monásticas”

Estudar piano sempre foi meu sonho de infância. Instrumento clássico, desafio no mundo musical. Mas estudar piano não era tarefa fácil. Escolas e conservatórios limitados e caros para o padrão familiar. Além do mais, o piano ocupava muito espaço no apartamento e tinha preço elevado.

O tempo passou, os sonhos continuaram na esperança de se tornarem realidade e fui estudar música, e veio o acordeom. Aprendi a ler partitura e dedilhar no teclado à direita tal qual um pequeno piano vertical. Eis que surgiu um anjo protetor e realizador de sonhos, professora Cidinha Rocha, proprietária do “Centro Musical Ernesto Nazareth”, a quem relatei meu sonho de “pianista”. Confessei ter perdido o tempo e resignava-me com a memória de tocar piano e apenas continuar no acordeon com as partituras do saudoso Maestro Mário Mascarenhas.

Não há nada melhor do que reverenciar pessoas especiais que fazem parte da nossa história. Disse-me então a querida mestra:

“Professor”, (forma carinhosa e expressiva como me tratava), *vamos partir para o piano, o senhor vai aprender logo, pois já tem conhecimento da mão direita e vai aprender os acordes da clave de Fá.*” Dito e feito; foram alguns anos de aprendizagem que se transformaram em amizade, respeito e admiração.

Saudade daqueles tempos, de convivência carinhosa inesquecível, onde além de aprender a tocar piano, aprendia muitos valores éticos e morais.

Sempre apreciei o desprendimento material e o amor à profissão de que Cidinha Rocha demonstrava, assim como o brilho dos seus olhos ao estar com seus alunos e amigos. Quem a conheceu sabe muito bem da sua dedicação, do seu ideal e do seu imenso talento musical.

Ela fez uma grande diferença positiva na vida de muitos alunos através da longa convivência em aprender e apreender. Seu meigo jeito de falar, sua postura corporal, sua elegância constante, seu comprometimento com o trabalho e seu modo de ensinar sempre foram modelos, assim como sua forma detalhada e disciplinada de pesquisar e estudar tudo o que lhe foi proposto. Guardo com muito carinho a pauta facilitada do tango “Percal”.

««« Cidinha Rocha ao piano

Agora Cidinha Rocha está entre as mais brilhantes pianistas do mundo e permanece presente na arte da música que é a [linguagem universal dos sons](#), a [expressão estética](#) que coordena silêncios através do tempo para evocar emoções, contar histórias e comunicar.

Ela está na paz do Senhor, coberta de bênçãos e lembrada pelos amigos, sendo Luz eterna que realizou sonhos, um a um, nota por nota, com metal nobre e sopro de ternura, maestrina que ensinou tocar instrumentos a partir do silêncio.

O “Centro Musical Ernesto Nazareth” foi um templo não por paredes sagradas, mas por rituais diários em afinar instrumentos, aquecer a voz, repetir escalas, errar e recomeçar como nas antigas ordens monásticas, a repetição construía o espírito e a **transmissão** de algo invisível, a tradição, a escuta, a disciplina, a sensibilidade. Cidinha Rocha e seus alunos compartilhavam não só técnica, mas ética dos sons e dos acordes que a **transcendência que elevava a** música por cifras, por notas sustentadas no tempo certo que suspendia o cotidiano.

Quem já saiu de uma sala de música diferente de como entrou sabe disso. Ouso dizer que o templo “Centro Musical Ernesto Nazareth” foi **um templo laico**, onde o sagrado não foi o **som da música**. Não havia dogmas, mas **harmonia**; não havia sermões, mas **escutas**. E como todo templo verdadeiro, exigia respeito, dedicação e entrega, porque se aprendia a linguagem que começava onde as palavras falhavam. Professora Cidinha Rocha ensinava piano, mas formava músicos.



WILLIAM HAVERLY MARTINS

Escritor, membro da Academia Rondoniense de Letra

A LÓGICA DA BESTA HUMANA

Ajudou, mas não muito, a invenção do pecado, do inferno, do capeta, das religiões, porque o problema está dentro do homem, na sua origem. A educação ajuda, mas não corrige tudo, precisaríamos de uma espécie de vacina que interferisse na genética humana, ou um chip cerebral que modificasse o âmago, a natureza do ser humano, que impedisse o ressurgimento da violência ancestral, no dia a dia de cada um. Aí então a besta humana desapareceria, daria lugar ao ser paz e amor. Ainda assim não estaríamos livres de seres viciados de poder, como Putin, Trump, Netanyahu, Ali Khamenei, Kim Jong-un, Maduro e tantas outras versões violentas do homem. Todos relacionados com o poder, a religião, a ignorância, etc. etc. A paz e o amor, na maioria das vezes, serão ignorados.

Poderíamos insuflar, aos quatro cantos do mundo, palavras e ações forjadas nos templos tibetanos dos Dalai-lamas, ou na doutrina da maioria das religiões. Poderíamos acreditar que, conforme os ensinamentos coletivos, seríamos a imagem e semelhança de um Deus/amor, ou o próprio deus/Homem, duplicado à exaustão, janela e vista de uma mesma teoria humanista; a personificação do espelho da divindade, contudo, mais cedo ou mais tarde, descobriríamos que as sombras violentas do ser, mesmo com a evolução, se acomodaram, num cantinho invisível do cérebro humano.

Ainda que seja uma solução impraticável, nem sei se isso daria certo, não vejo o mundo sem conflitos, a mim me parece que o bem e o mal nascem e morrem com o homem, são vistas necessárias ao progresso proveniente da janela humana, como se o homem tivesse uma balança interior, alimentada, ou não, por pecados capitais, onde a consciência seria o fiel dos pratos do bem e do mal. A besta humana, adormecida em nosso cérebro, possui a sua própria lógica.



Algumas religiões sustentam a necessidade da reencarnação purificadora – Morrer ruim para renascer melhor

Algumas religiões, como a dos Drusos, sustentam a necessidade da reencarnação purificadora dessa janela – morrer ruim para renascer melhor! Uma espécie de mudança de status, conseguida com a morte, no mundo espiritual: a cada ciclo de vida/morte, um novo homem, uma nova janela humana capaz de gerar, com o desenrolar do tempo, vistas pacíficas, que o aproximariam de Deus. O problema é o tamanho do universo e o tempo que levaria uma fórmula mágica para alterar aquilo que passou milhões de anos em processo de evolução, e ainda está evoluindo. Só vai acabar, quando o sol esfriar e isso vai acontecer, é a

lógica da natureza! Isso se a IA não chegar primeiro, aprimorando o mundo material, ignorando o tempo do sol, é a lógica da ciência!

Há uma conhecida fábula, que conta a estória de um mestre do Oriente que viu um escorpião se afogando e decidiu tirá-lo da água, mas quando o fez, o escorpião o picou. Pela reação de dor, o mestre o soltou e o animal caiu de novo na água e estava novamente se afogando. O mestre tentou tirá-lo novamente e novamente o animal o picou.

Alguém que estava observando se aproximou do mestre e lhe disse:

"Desculpe-me, mas você é teimoso! Não entende que todas às vezes que tentar tirá-lo da água ele irá picá-lo?"

O mestre respondeu:

"A natureza do escorpião é picar, e isto não vai mudar a minha, que é ajudar".

Então, com a ajuda de uma folha, o mestre tirou o escorpião da água e salvou sua vida.

"Não mude sua natureza se alguém te faz algum mal; apenas tome precauções. Alguns perseguem a felicidade, outros a criam."

Muitos humanos não querem ou não podem se livrar de sua natureza, preferem destruir a lógica, alimentando a besta humana, oriunda das cavernas, com ações absurdas, ainda que lhe custe a vida ou componha sua convivência com os demais humanos.

Mestres, como Jesus, Maomé, Buda e tantos outros, tentaram mudar a natureza humana, mas o progresso evolutivo, diante de sete bilhões de habitantes, tem sido muito pouco. Se pensarmos nos efeitos da evolução humana em líderes como Putin, que direciona mísseis para matar civis, mesmo sendo crianças, concluímos que não houve um efeito lógico, ancorado em vivências, capaz de domar a besta humana!!! Mata-se o outro por muito pouco!



+ EDUCAÇÃO E + CULTURA



NAIR FERREIRA GURGEL DO AMARAL. Nasceu em Coxim (MS). Casou com o empresário amazonense Antônio Orlandino Gurgel do Amaral e veio morar em Porto Velho (RO) em 1972. Foi professora por 30 anos da UNIR. Atualmente, é professora titular aposentada. Possui Mestrado em Linguística (UNICAMP/Campinas-SP), Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/Araraquara-SP) e Pós-Doutorado na (UNICAMP/Campinas-SP). Já publicou e organizou mais de 50 livros. Gosta de Escrever sobre o regionalismo Amazônico.

PINTAR A ALDEIA (OU APRENDER A MORAR EM MAIS DE UMA)

Leon Tolstói (FOTO) disse que, para ser universal, era preciso começar pintando a própria aldeia. Durante muito tempo, abracei essa frase como quem abraça um mapa: ela justificava meus caminhos, minhas escolhas, meus livros.

O detalhe é que minha aldeia nunca coube inteira num só lugar.

Nasci no Pantanal, em Coxim/MS. Terra de rio manso, memória quente e infância com cheiro de mato e fogão a lenha. Mas foi na Amazônia que a vida me estendeu raízes mais longas: cheguei jovem, fiquei, estudei, escrevi. Somei os anos e descobri, com certo espanto aritmético, que já vivi aqui mais do que vivi lá.

Então, fiquei com duas aldeias - e nenhuma delas aceita ser apagada.

Tolstói, desconfio, não falava de geografia. "Aldeia", ali, não é lugar no mapa: é lugar na carne. É falar do que se conhece por dentro. Do que se viveu sem legenda. Pintar a aldeia é narrar o mundo a partir da própria cicatriz.

Por isso, quanto mais particular é a história, mais universal ela se torna. A emoção localizada comunica melhor do que qualquer abstração genérica. É o detalhe que atravessa fronteiras.

Já escrevi sobre o Pantanal e sobre a Amazônia. Não por militância territorial, mas por convivência. Escrevo porque conheço o ritmo das águas, o silêncio das margens, o sabor das palavras que só fazem sentido ali - e, curiosamente, acabam fazendo sentido em qualquer lugar.

Hoje se fala em aldeia global - expressão cunhada por Marshall McLuhan, que apostava numa humanidade conectada por fios invisíveis. A internet nos aproximou, sim. Mas também achatou diferenças, padronizou vozes, transformou sotaques em ruído.

Milton Santos já alertava: o espaço se globaliza, mas as pessoas não se tornam iguais. Ou, pior, tentam parecer.

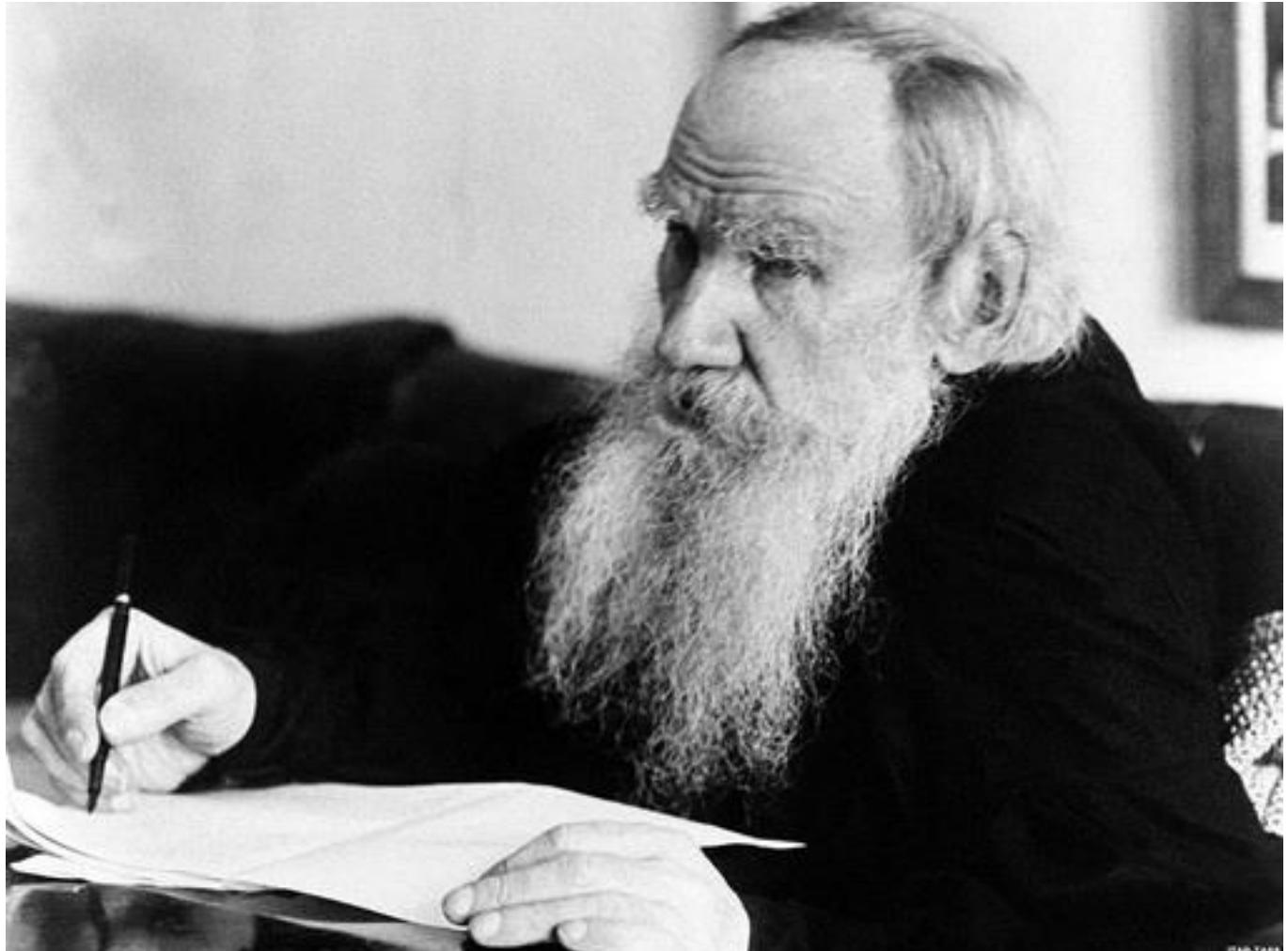
Talvez o antídoto esteja justamente em voltar à aldeia - não para se fechar, mas para se afirmar. Não para negar o mundo, mas para dialogar com ele sem perder o chão.

Afinal, pintar a aldeia não é limitar o olhar. É dar a ele um ponto de partida. E quem sabe morar em mais de uma aldeia seja apenas isso: aprender que identidade não é endereço fixo, mas coleção de pertencimentos.

No fundo, o problema nunca foi pintar a aldeia. O problema é quando alguém tenta apagar as cores para caber no catálogo do mundo. Talvez o verdadeiro gesto universal, hoje, seja o oposto do que o mercado pede: insistir na aldeia quando tudo conspira para que ela vire apenas cenário genérico de fundo. Porque aldeia sem voz vira decoração - e literatura não nasceu para decorar o mundo.

Se ser universal exige pintar a aldeia, sigo pintando as minhas - com aguapé do Pantanal, água barrenta do Madeira e palavras que não pedem tradução. Quem quiser entender, que chegue mais perto. Universalidade, afinal, não é falar para todos: é não se trair para agradar ninguém.

No fim das contas, pintar a aldeia talvez seja isso: recusar o mapa pronto. Rasgá-lo nas dobras que não nos cabem. Porque há geografias que só existem quando são narradas - e todo escritor que se preza sabe que nenhum lugar verdadeiro aceita ser reduzido a legenda.



**“Ele não falava de geografia.
Aldeia, ali, não é lugar
no mapa: é lugar na carne.”**



CONVERSADEBOTECO

Gilberto Fonseca

BRASIL, A SAGA DO IMPROVISO - 4ª EDIÇÃO

O primeiro contato com os povos indígenas

Logo após a missa celebrada na praia, os portugueses começaram a perceber que não estavam sozinhos. Dos matos e dunas, surgiam figuras curiosas, pintadas com urucum, adornadas com penas coloridas e portando arcos e flechas. Para os marinheiros, era como se a própria natureza tivesse mandado recepcionistas oficiais.

Os indígenas observavam com calma, talvez pensando: "Que tipo de gente chega com casas flutuantes, roupas pesadas e cheiro de peixe estragado?". Já os portugueses, acostumados a ver mouros e europeus, ficaram boquiabertos: "Olhem só, parecem personagens de uma pintura viva!".

O primeiro contato foi marcado por espanto mútuo. Os portugueses ofereciam miçangas, espelhos e bugigangas — o "kit boas-vindas" da época. Os indígenas, por sua vez, mostravam frutas, raízes e curiosidade genuína. Era como uma feira de trocas improvisada, onde ninguém entendia a língua do outro, mas todo mundo se divertia com os gestos.

Cabral, mantendo o protocolo, anotou em seus registros: "Gente de boa simplicidade". Tradução livre: "São simpáticos, não nos atacaram e parecem gostar dos nossos presentes".

Enquanto isso, os marinheiros se encantavam com a hospitalidade. Alguns experimentaram frutas frescas, outros ficaram fascinados com os arcos e flechas. Já os indígenas, rindo das barbas longas e dos trajes pesados, talvez pensassem: "Esses estrangeiros devem morrer de calor".

O encontro foi pacífico, quase festivo. Não houve batalha, não houve desconfiança imediata. Apenas curiosidade e troca. Era como se duas culturas completamente diferentes tivessem se encontrado num grande "evento multicultural" improvisado.

Claro, ninguém ali imaginava que aquele contato inicial abriria caminho para séculos de convivência complexa, cheia de conflitos e alianças. Naquela manhã de sol, à beira da praia, tudo parecia simples: de um lado, homens exaustos da travessia; do outro, olhares curiosos diante dos recém-chegados. Foi ali, nesse encontro improvável, que se criou o laboratório vivo da formação do povo brasileiro — uma mistura de raças, culturas e destinos.

“
“

"Foi ali, nesse encontro improvável, que se criou o laboratório vivo da formação do povo brasileiro"



CAMINHAR É ESCREVER UMA CAUSA

QUAL HISTÓRIA NIKOLAS FERREIRA ESTÁ ESCREVENDO NESTE EXATO MOMENTO?

Todos os anos, milhares de romeiros deixam cidades de Minas Gerais, do interior de São Paulo e de outros cantos do Brasil rumo à Basílica Nacional de Aparecida (SP). São jornadas de fé, feitas em silêncio ou em cantos, entre bolhas nos pés e lágrimas nos olhos. Caminham em busca de um milagre, carregando promessas, dores e esperanças. A canseira é grande, mas a certeza visceral que os move só a fé é capaz de justificar.

É uma caminhada sem holofotes, sem câmeras, sem discursos. Apenas a confiança de que a Padroeira do Brasil os espera ao final da estrada, com a resposta que não se encontra em tribunais nem em palanques.

NIKOLAS E SUA ESTRADA

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) também decidiu colocar os pés na estrada. São 240 quilômetros entre Paracatu (MG) e Brasília, percorridos como forma de protesto político. Na quinta, 22, falou-se na possibilidade de desistência porque o parlamentar reclamava de dores nos pés. A previsão de chegada é neste domingo, 25, durante manifestações na capital. O ato, segundo ele, é simbólico: contestar prisões relacionadas aos atos de 8 de janeiro de 2023, apoiar o ex-presidente Jair Bolsonaro e criticar decisões do STF e do governo Lula. “É pela liberdade e pela justiça”, repete o parlamentar.

Ao longo da BR-040, Nikolas atraiu aliados, colegas de partido e simpatizantes. E a mídia. A caminhada, que começou solitária, transformou-se em ato coletivo. Chorou, recebeu massagens nos pés, orou. Em cada gesto, parecia encarnar o papel de mártir de uma causa que considera nobre.



Cacaeiros nos primitivos caminhos de Rondônia, na década de 1970 (Foto: Memória Vilhenense/Facebook)

MAS CAMINHAR POR UMA CAUSA NÃO É NOVIDADE

Caminhos da Amazônia e da História. Na década de 1970, Rondônia vivia o auge do ciclo da madeira e da migração para a nova fronteira agrícola. Vilhena, primeira cidade do então território federal, o portal da Amazônia Ocidental. Aqui, milhares de colonos chegavam em paus-de-arara, ônibus precários, jeeps e velhos carros. Descobriam, na prática, o tamanho da Amazônia.

Se no Sudeste e no Sul do país uma viagem de 300 km exigia preparação de semanas, em Rondônia as distâncias eram medidas em léguas e muita coragem. Os 240 km de Nikolas equivalem ao trecho Vilhena–Cacoal. Colonos percorriam caminhos difíceis, carregando nos ombros os “cacaios” — sacolas com mantimentos. Alguns calçavam Ki-Chutes com travas para enfrentar lamaçais e trilhas íngremes, sob o medo constante de onças. Carregavam até 20 kg de peso, solidão e dor. A causa deles era sobreviver, conquistar um pedaço de terra, fundar “patrimônios” (origens das cidades). Sem câmeras, sem likes.

Odisseias maiores. A história guarda exemplos ainda mais grandiosos. Marco Polo, aos 17 anos, partiu de Veneza e percorreu cerca de 24 mil km pela Rota da Seda, entre 1271 e 1295. Foram 24 anos de jornada por Europa, Oriente Médio, Ásia Central e China. Seu relato, reunido em As Viagens de Marco Polo, inspirou navegadores como Cristóvão Colombo.

O Brasil também tem seus caminhantes históricos. No século XVII, Raposo Tavares percorreu cerca de 10 mil km entre São Paulo e os confins do Peru, descobrindo rios como Guaporé, Mamoré e Madeira. Mas sua caminhada foi marcada por violência: matou e escravizou indígenas.

Dois séculos depois, o sertanista Cândido Rondon trilhou outro caminho. Pacifista, percorreu 40 mil km na selva, integrando o interior ao restante do país e defendendo povos indígenas. Foi indicado três vezes ao Prêmio Nobel da Paz.

E houve ainda o cientista Alexandre Rodrigues Ferreira, que entre 1783 e 1792 “cortou a Amazônia” em expedição científica pioneira, registrando fauna, flora e povos da região.

E não se pode esquecer a Coluna Prestes: dois anos e meio de marcha, entre 1925 e 1927, 25 mil km percorridos por mais de 1,5 mil homens, atravessando 13 estados sob perseguição do governo Artur Bernardes. Mais que uma caminhada simbólica, revelou aos comunistas urbanos a realidade do Brasil profundo — um país que os manuais importados da Europa não explicavam.

Caminhar é sempre mais — Nikolas também caminha para mudar o mundo — ou pelo menos para marcar posição. Faz isso sob forte cobertura midiática, transformando cada passo em conteúdo para redes sociais. Sua causa é política, sua narrativa é a da guerra ideológica entre comunismo e capitalismo. Jovem, com energia e milhões de seguidores, ele sabe que cada quilômetro rende engajamento.

Mas enquanto Nikolas caminha com bandeiras e discursos, os romeiros de Aparecida caminham com fé e silêncio. Uns buscam justiça terrena, outros esperam milagres celestes. Uns se apoiam em partidos, outros em promessas. Uns ganham likes, outros carregam terços.

A pergunta que fica é: quem Nikolas será na história? Um Marco Polo moderno, narrando sua odisseia? Um Rondon pacifista, integrador? Um Raposo Tavares, polêmico e opressor? Um singelo romeiro? Um Prestes revelando o Brasil profundo? Ou apenas mais um personagem que caminha em busca de visibilidade? Caminhar, afinal, sempre foi mais do que deslocar-se. É escrever, com passos, a causa que se escolhe defender — seja a fé, a sobrevivência, a ciência, a política ou a revolução.



O OSCAR NUNCA FOI TÃO BRASILEIRO

Cinco indicações marcam recorde histórico, mas “O Agente Secreto” divide opiniões

O Brasil vive um momento inédito na história do cinema. A Academia de Hollywood anunciou nesta quinta-feira (22) os indicados ao Oscar 2026, e pela primeira vez o país aparece com cinco indicações na maior premiação mundial da sétima arte. A cerimônia será realizada em 15 de março, no tradicional Dolby Theatre, em Los Angeles.

A presença brasileira em categorias de peso — como Melhor Filme Internacional, Melhor Ator e Melhor Fotografia — coloca o país em um patamar de protagonismo cultural raramente visto. É um marco que projeta o Brasil para além das fronteiras e reforça a maturidade artística de sua produção cinematográfica.

OS DESTAQUES NACIONAIS — Entre os indicados, duas obras se sobressaem:

O Agente Secreto, de Kleber Mendonça Filho, estrelado por Wagner Moura, que concorre em quatro categorias, incluindo Melhor Filme Internacional e Melhor Ator.

Sonhos de Trem, com fotografia de Adolpho Veloso, indicado a Melhor Fotografia. Adolpho é um diretor de fotografia brasileiro que conquistou reconhecimento internacional. O filme “Sonhos de Trem” (2025, dirigido por Clint Bentley), foi filmado 99% com luz natural em locações no Noroeste dos Estados Unidos, evocando memórias poéticas do protagonista Robert Grainier (Joel Edgerton).

Outras produções nacionais, como *Yanuni* e *Apocalipse nos Trópicos*, chegaram a figurar nas pré-seleções (shortlists), mas não avançaram para a lista final.

ENTRE APLAUSOS E DESCONFIANÇA — O recorde de indicações marca um novo capítulo para a cinematografia brasileira. Mas, ao mesmo tempo em que o país celebra, há quem veja com desconfiança parte desse sucesso.

Principal aposta nacional, *O Agente Secreto* é tratado com entusiasmo pela crítica internacional, mas enfrenta resistência dentro do Brasil. Para uma parcela da população, o filme funciona como vitrine ideológica da esquerda. O motivo está tanto no enredo — que revisita um dos períodos mais conturbados da política nacional, a Ditadura Militar — quanto na figura de Wagner Moura, protagonista e ativista assumido, cuja postura política desperta paixões e rejeições.

Essa dualidade revela como o cinema, além de arte, é também campo de disputa simbólica. Enquanto uns celebram o reconhecimento mundial, outros questionam se o filme representa de fato o Brasil ou apenas uma visão política específica.

EXPECTATIVA PARA MARÇO — Independentemente das polêmicas, a expectativa é de que o Brasil não apenas celebre as indicações, mas também conquiste estatuetas. O feito já é considerado um marco para a indústria nacional e abre caminho para maior visibilidade internacional de diretores, atores e técnicos brasileiros.

O Oscar 2026 será lembrado como o ano em que o Brasil deixou de ser coadjuvante e assumiu papel de protagonista. Mas também como o momento em que o cinema nacional expôs, diante do mundo, suas próprias contradições internas — entre arte e política, reconhecimento e rejeição.

PÁTIO DO COLÉGIO: BERÇO HISTÓRICO DE SÃO PAULO, QUE COMPLETA 472 ANOS DIA 25 DE JANEIRO

Indígenas, jesuítas, portugueses e bandeirantes compõem a base da formação histórica da cidade de São Paulo, a maior cidade do país, que nasceu em torno do *Pateo do Collegio* (na grafia antiga), considerado o marco inicial da capital paulista em 1554.

O prédio original já não existe mais. A atual construção é uma réplica erguida entre as décadas de 1950 e 1970, obra que gerou debates entre arquitetos e historiadores sobre preservação e autenticidade. Ao longo dos séculos, o espaço passou por diversas transformações, servindo como sede administrativa, quartel e até residência de governadores.

Hoje, o Pátio do Colégio abriga o Museu Anchieta, dedicado à memória da fundação da cidade — que completa 472 anos — e à história dos jesuítas, preservando o legado cultural e religioso que deu origem à maior metrópole brasileira.





PAIXÃO NACIONAL TIPO EXPORTAÇÃO “CARAMELO É POESIA NAS RUAS DO BRASIL”

ESTUDO REVELA A ANCESTRALIDADE, OS TRAÇOS COMPORTAMENTAIS E A DIVERSIDADE DO CÃOZINHO MAIS AMADO DO PAÍS.

Ele está em toda parte e sempre inspira pela alegria e a simpatia. A ponto de inspirar até um filme (veja abaixo). “Quando vejo um caramelo, automaticamente fico feliz. Ele é poesia soltas nas ruas”, descreve a estudante Juliana Batista, 16.

Mais que poesia e personagem dos memes, o caramelo agora é tema de um estudo científico inédito. Graças à campanha Caramelo: Patrimônio Cultural Brasileiro, da PEDIGREE®, e ao trabalho dos geneticistas da DNA Pets, foram analisados 305 cães sem raça definida em todas as regiões do país.

O resultado surpreende: apesar das diferenças de aparência, o DNA mostra que os caramelos têm uma base genética uniforme de Norte a Sul, reflexo da urbanização, das adoções e, sobretudo, do amor brasileiro pelos cães.

Essa mistura genética explica muito da personalidade que conquistou o país: energia moderada, alta sociabilidade e temperamento estável. Além disso, a diversidade reduz o risco de doenças hereditárias comuns em raças puras, tornando o caramelo mais resistente.

O estudo também revelou que apenas 21% dos animais apresentaram variantes ligadas a problemas de saúde, em sua maioria sem impacto direto. A principal alteração encontrada foi a mielopatia degenerativa, típica de raças de pastoreio que ajudaram a formar o perfil do caramelo brasileiro.

O veredito é simples e simbólico: o caramelo é a cara do Brasil – diverso, afetuoso, resiliente e sempre pronto para fazer amizade. [Foto acima: A caramelo Zuzu com seu amigo Zupinho \(Acervo/Cool\)](#)



AS RAÇAS QUE TÊM MAIOR PRESENÇA NO DNA DO CARAMELO (VEJA AO LADO)

O perfil do kit básico do caramelo:

- **Cor:** fulva (a famosa cor caramelo)
- **Pelo:** curto
- **Orelhas:** eretas ou semieretas
- **Focinho:** de médio a longo
- **Porte:** médio

(Fonte: Revista Superinteressante, edição 483, janeiro de 2026)

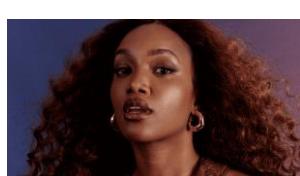
FILME CONQUISTOU O MUNDO



Lançado em outubro de 2025 pela Netflix, o filme brasileiro Caramelo, com Rafael Vitti, tornou-se um fenômeno global. Protagonizado pelo icônico cão vira-lata caramelo, símbolo cultural do país, a produção rapidamente entrou para a história como o maior sucesso internacional do cinema nacional no streaming.

O longa está entre os quatro filmes mais assistidos do mundo na plataforma, alcançou o Top 10 em quase 70 países e chegou ao primeiro lugar em 27 deles, incluindo Estados Unidos, França, México, Canadá, Portugal, Argentina e Espanha.

Críticos apontam que o carisma do protagonista, aliado a um roteiro que mistura humor, drama e afeto, explica a identificação imediata do público. O caramelo, visto como “a cara do Brasil”, representa diversidade, resistência e simpatia, mas também traduz valores universais como amizade e lealdade.



TEM CACHORRO NA MÚSICA

“Entre o céu e o mar

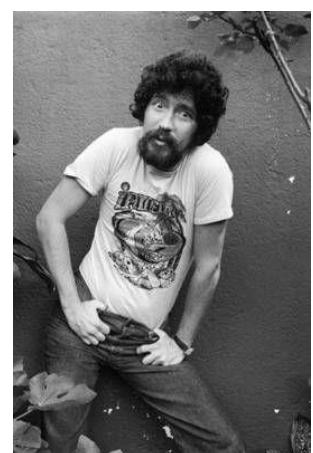
Tem um universo doce feito caramelo”

<<< – Iza (NO TEMA DO FILME “CARAMELO”)



“Me lamba o rosto, meu querido, lamba
E diga que também você me ama”

- Os Mutantes >>>



<<< “Eu sou cachorro-urubu” – Raul Seixas

Esta é uma expressão puramente “raul-seixista”. O urubu é quem limpa a sujeira, o animal que voa sobre o que está morto; o cachorro é o vira-lata, o popular. Ele está dizendo que não é um “príncipe encantado”, mas sim alguém marginal, real e sem frescuras.



“EU GOSTO MUITO DE CACHORRO VAGABUNDO
QUE ANDA SOZINHO NO MUNDO
SEM COLEIRA E SEM PATRÃO”

Baby do Brasil >>>



A MEDALHA LUZ DO MUNDO

Semanalmente, o jornal CDM presta homenagem a uma personalidade viva, ligada a Rondônia, indicada por nossos leitores e aprovada pelo Conselho Editorial.

A medalha "Luz do Mundo" é uma insígnia que reconhece pessoas, projetos e ações que se destacam pela contribuição à sociedade vilhenense e/ou rondoniense.

A honraria valoriza tanto grandes nomes quanto gestos simples que revelam dedicação e impacto positivo.



PROFESSORA MARIA ANTÔNIA, NOSSA COMENDADORA DE HOJE

Nascida em Sena Madureira (AC) e plenamente identificada com Porto Velho, Maria Antônia Costa, de 87 anos, é exemplo de resiliência, independência e sintonia com o tempo presente. Professora aposentada, lecionou por 35 anos em escolas como Barão de Solimões, Rio Branco, John Kennedy e 21 de Abril, formando gerações de portovelhenses e conquistando respeito como educadora.

Chegou à capital rondoniense ainda adolescente, aos 17 anos, para iniciar sua carreira docente. De origem humilde, veio sozinha, amparada apenas pela indicação de sua mãe a uma comadre que a acolheu.

ARTE E CULTURA

Incentivada pela filha Márcia Cristina Paraguassu, Dona Antônia dedica-se às artes plásticas desde o início da década de 1990. Realizou diversas exposições, inclusive em Brasília e no Rio de Janeiro. Suas mostras mais recentes, "Imagens Oníricas" e "Universo Geométrico". Suas obras são, no geral, explosões de cores amazônicas que refletem o carisma e a alegria de viver da própria artista.

Além da pintura, dedica-se à cerâmica, escultura e até marcenaria, demonstrando talento e versatilidade. Sua casa, na avenida Carlos Gomes, em Porto Velho, transformou-se em verdadeira galeria de arte e ponto de cultura.

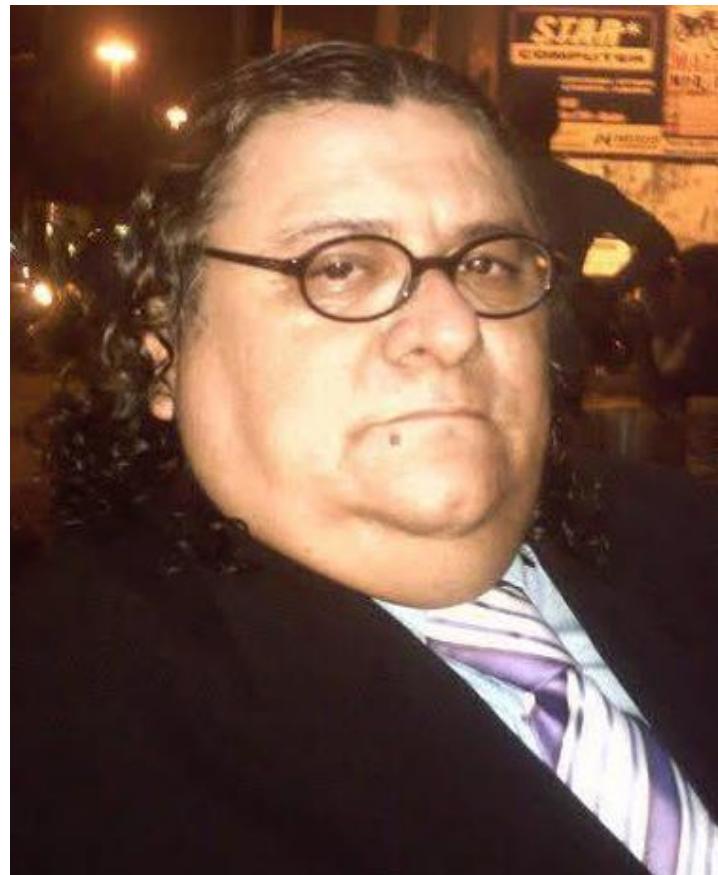
LITERATURA

Na literatura, Dona Antônia também deixou sua marca. Publicou o livro infantil "Aruaçu, o sapo cantador" e o romance-memórias "A casa do filho do soldado da borracha", reafirmando sua capacidade criativa e sua contribuição para a cultura da região.

LEGADO

Ativa na internet, com canal no YouTube onde compartilha histórias extraordinárias, Dona Antônia rompe estereótipos de idade e mostra que vitalidade, independência e opinião firme não têm prazo de validade. Sua trajetória inspira e reafirma o valor da dedicação, da arte e da educação como luzes que transformam o mundo.

CORA CORALINA — Poeta ÁTILA YBÁNEZ FRANÇA *



No tacho de cobre,
Cora Coralina mexe o doce,
Com a colher de pau,
Mistura as letras,
Na goiabada cascão.

Cora Coralina mexe o doce,
O doce da ilusão,
N'alma, o doce da paixão,
Na goiabada cascão,
Mistura-se as letras,
Que saem do coração.

Cora Coralina é poetisa do Goiás Brasil,
Mexe o doce, espanta os espíritos, e adoça os males,
Mistura as letras no doce do queijo do serrado.

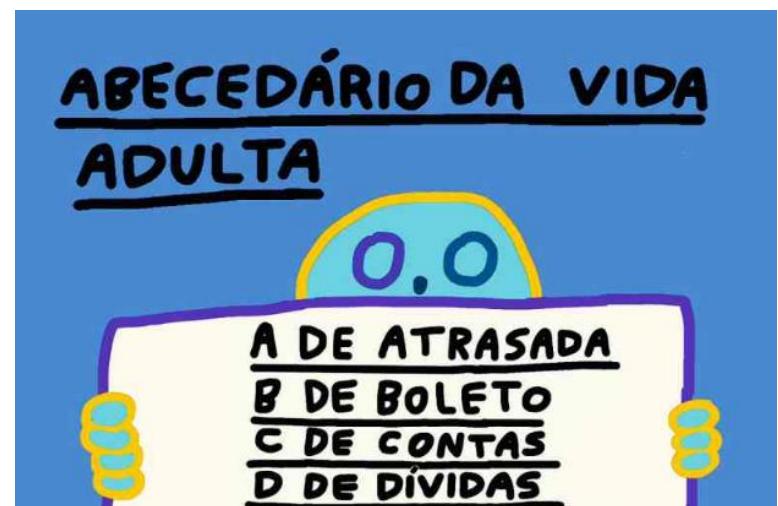
Os poemas de Cora Coralina,
São singelos e amáveis,
Tão bons como um pedaço queijo,
Com sabor de Romeu e Julieta.



(* Da Academia Vilhenense de Letras e Acler)



will.tirando



Pedro Benício



DOMZAIRO

Um acreano-rondoniense. Professor da Universidade Federal de Rondônia, campus de Rolim de Moura; é também compositor, escritor e cantor. É pra ele mesmo que escreve e pra esses outros desalojados como ele!

A PURA NARRATIVA DE MADURO

...poesoanalise...

Dizem que sou ditador... é pura mentira narrativa!

Dizem que fraudei as eleições... é pura mentira narrativa!

Dizem que os venezuelanos fogem para o Brasil por minha incúria social... é pura mentira narrativa!

Dizem que faço de tudo pelo poder... é pura mentira narrativa!

Dizem que uso o petróleo só para meu grupinho... é pura mentira narrativa!

Dizem que dei chá de sumisso para adversários... é pura mentira narrativa!

Dizem que não aceito críticas a meu governo... é pura mentira narrativa!

Dizem que sou contra a liberdade de expressão... é pura mentira narrativa!

Dizem que sou simpático à China, Rússia, Cuba e Coreia do Norte, covis de ditadores... é pura mentira narrativa!

Dizem que meu exército desce o cacete e bala em manifestações do povo... é pura mentira narrativa!

Dizem que meu socialismo é arrivista e apenas para meu grupo que come caviar... é pura mentira narrativa!

Dizem que falo inglês por esnobismo... é pura mentira narrativa!

